

RODRIGO PEREIRA DA SILVA

Introdução à Teologia



iNTA

RODRIGO PEREIRA DA SILVA

INTRODUÇÃO A TEOLOGIA

1ª EDIÇÃO

Sobral/2016

INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada

PRODIPE - Pró-Diretoria de Inovação Pedagógica

Diretor-Presidente das Faculdades INTA

Dr. Oscar Rodrigues Júnior

Pró-Diretor de Inovação Pedagógica

Prof. PHD João José Saraiva da Fonseca

Coordenadora Pedagógica e de Avaliação

Profª. Sonia Henrique Pereira da Fonseca

Professores Conteudistas

Rodrigo Pereira da Silva

Assessoria Pedagógica

Sonia Henrique Pereira da Fonseca

Evaneide Dourado Martins

Design Instrucional

Sonia Henrique Pereira da Fonseca

Revisora de Português

Neudiane Moreira Félix

Revisora Crítica/Analista de Qualidade

Anaísa Alves de Moura

Diagramadores

Fábio de Sousa Fernandes

José Edwalcyr Santos

Diagramador Web

Luiz Henrique Barbosa Lima

Produção Audiovisual

Francisco Sidney Souza de Almeida (Editor)

Operador de Câmera

José Antônio Castro Braga



Sumário

Palavra do Professor autor	09
Sobre o Autor	11
Ambientação a disciplina	12
Trocando ideias com os autores	14
Problematizando	16

1 Origem e desenvolvimento da Teologia

Teologia: a História de um nome	21
Teologia e ciência da religião	28

2 Conceito da Teologia

O que é Teologia?	35
Teologia e Doutrina	37
Como fazer Teologia?	38

3 Divisões da Teologia

Estudo das Teologias	47
Teologia Bíblica	48
Demais disciplinas auxiliares	49
Métodos Teológicos	53
Breve História do Método Teológico	54
Relevância do Método	55

4 Natureza da Teologia

Métodos de natureza única	61
Riscos para quem faz Teologia	63

5 O futuro da Teologia

A Teologia numa perspectiva futura.....	75
Perspectivas.....	76
Desafios atuais	81
Como construir uma reflexão teológica neste contexto?.....	85

Leitura obrigatória.....	88
Revisando	90
Autoavaliação.....	92
Bibliografia	94
Bibliografia da Web	99

Palavra do professor autor

Prezado estudante,

O estudo da Teologia constituiu-se um dos maiores desafios que a mente humana é levada a empreender, implica no estudo do **Ser Supremo**, absoluto e eterno, Deus. A princípio podemos cogitar a possibilidade ou impossibilidade de se estudar tal tema. A mente humana é finita, seria ela capaz de aprender um conhecimento tão elevado? Podemos considerar a teologia, um conhecimento no sentido científico da palavra? A teologia pode ser considerada uma ciência? A criatura pode entender o criador? Essa é uma das questões principais, senão a fundamental ao se exercitar nesse campo de estudo.

Outra questão a ser cogitada é a pertinência do estudo de teologia, assim indago, em virtude de vivermos em um mundo secularizado onde há pouco ou nenhum lugar para Deus em ambientes ditos acadêmicos. O teísmo ou ateísmo sempre disputaram um lugar ao sol na preferência da escolha humana que opta por crer ou não crer. Embora Deus tenha ficado fora das ciências convencionais, desde a modernidade, como uma ideia antiquada e retrógrada, sua existência nunca fora posta em dúvida por grande parte dos religiosos e teólogos, e porque não dizer de muitos acadêmicos que são teístas em muitos lugares.

Neste livro, estudaremos o significado e o propósito da teologia como ciência de Deus e das coisas a Ele relacionadas. Conheceremos algumas definições, conceitos, propósitos, necessidades, possibilidades, fontes e métodos da teologia. Analisaremos suas divisões e respectivas subdivisões, para além de alguns conceitos sobre o que é teologia. Afinal, a ciência nunca provou que Deus não existe, ou seja, sempre esteve vivo como uma ideia na mente das pessoas.

O autor

Vídeo de Apresentação da Disciplina



Sobre o autor



Rodrigo Pereira da Silva é filósofo e Doutor em Arqueologia Clássica pela Universidade de São Paulo com bolsa da Capes a partir de novembro de (2010 a março de 2011). Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção - atualmente vinculada à PUC SP (2001). Pós-doutor com concentração em Arqueologia Bíblica pela Andrews University, EUA (2008). Especialização em Arqueologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém (1998). Mestrado em Teologia Histórica pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (1996). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (1999), possui também graduação em Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (1992). É professor de Teologia e Arqueologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo - Campus Engenheiro Coelho, SP (UNASP-ec), curador do Museu Paulo Bork de Arqueologia do Oriente Médio.

AMBIENTAÇÃO À DISCIPLINA

Este ícone indica que você deverá ler o texto para ter
uma visão panorâmica sobre o conteúdo da disciplina.



Para que serve um teólogo? Seria essa uma profissão em decadência? Muitos pensam que não. Estamos diante de um despertar do sentimento religioso que precisa ser direcionado para não se tornar fanático nem se reduzir ao ritualismo. Nisto entre a figura de líderes cujo dever não é manipular a fé, muito menos crer no lugar de outrem, mas direcionar a reflexão sobre Deus a fim de proporcionar um ambiente saudável para discutir os temas da fé.

A Teologia é, antes de tudo, um saber **sui generis** (do seu próprio gênero), porque ao mesmo tempo em que se trata de uma especialidade, é uma ciência de todos. Podemos legitimamente falar que um cardiologista é especialista em coração, que um engenheiro é especialista em construções e que um veterinário é especialista em animais. **Contudo, não podemos dizer que o teólogo é um especialista em Deus.**

Muito menos pode ser dito que, por deter um conhecimento acadêmico da fé, o teólogo seria o único a falar com procedência sobre o Altíssimo e que os leigos não devem questionar suas posições porque serão sempre superiores às deles. A Teologia é sim, uma disciplina acadêmica, mas não se reduz a isso. Todos podem lidar com ela, quer seja modo acadêmico ou informal, refletindo racionalmente sobre sua fé em Deus.

Nesta disciplina, você será exposto a uma visão introdutória da Teologia vista como disciplina acadêmica. O propósito deste material será levá-lo (a) a conhecer os conceitos básicos de teologia, bem como sua definição e os elementos-chave da reflexão teológica desde o seu começo até aos tempos atuais.

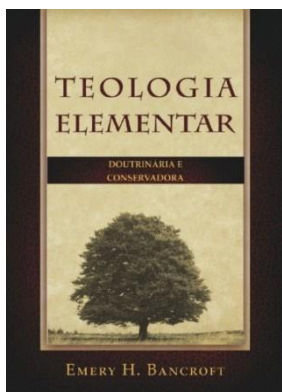
O que é, afinal, Teologia? De onde vem esse nome? Que significa “fazer teologia”? Qual é a natureza deste conhecimento? Qual o seu futuro? Estas são algumas das questões que serão apresentadas nesta disciplina. Nela você conhecerá a importância do pensamento teológico e verá, por si mesmo, como construir sua própria reflexão pessoal acerca de Deus e das temáticas da fé cristã.

TROCANDO IDEIAS COM OS AUTORES

A intenção é que seja feita a leitura das obras indicadas pelo(a) professor(a) autor(a), numa tentativa de dialogar com os teóricos sobre o assunto.



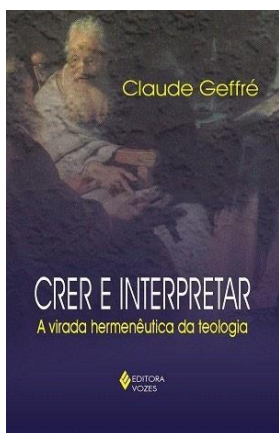
Você é convidado a realizar a leitura de dois livros que o ajudarão a entender melhor esse tema.



Esta é a mais recente edição em português do livro de Emery H. Bancroft lançado originalmente nos Estados Unidos na década de 1960. Apesar de mais de 50 anos, **o livro possui um discurso bastante atual e válido para introduzir o leitor ao universo teológico**. O autor define Teologia como “a ciência de Deus e das relações entre Deus e o universo”. Como alvo da teologia ele estabelece a “averiguação dos fatos concernentes a Deus e a relação entre Deus e o universo, bem como a sistematização desses fatos em sua unidade racional”.

A principal fonte autoritativa usada pelo Dr. Bancroft não são os historiadores ou acadêmicos da área, mas a autoridade absoluta da Bíblia Sagrada. Algumas leituras, é claro, serão bem condizentes com a confissão religiosa do autor, mas nenhuma delas implica em risco para a boa compreensão do assunto.

BANCROFT, E. H. **Teologia Elementar**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2011.



Para obter uma visão católica do assunto, sugerimos que leiam também o livro *Crer e interpretar*.

Neste texto inédito, o teólogo francês Claude Geffré fala das exigências atuais de interpretação da Teologia dentro de um contexto cristão, mas, sobretudo, católico. Ele parte do pressuposto de que a Escritura e a Tradição da Igreja são fontes doutrinárias e, com isso, conclui que a hermenêutica dos concílios não pode ser mais tímida que a hermenêutica bíblica. Contudo, o livro chama a atenção para as implicações teológicas que esse sistema pode possuir, especialmente em se tratando das diversas formas de neofundamentalismo que desconhecem as práticas de interpretação da verdade cristã, quer sob a forma escriturística (como pensam os protestantes) quer sob a forma dogmática (como acrescentam os católicos).

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia.

PROBLEMATIZANDO

É apresentada uma situação problema onde será feito um texto expondo uma solução para o problema abordado, articulando a teoria e a prática profissional.



Dentro do contexto religioso brasileiro (evangélico, católico ou de outra ramificação), a Teologia – mesmo que negligenciada em muitos púlpitos - ainda é superestimada a toda e qualquer área acadêmica.

Considerando que você está para iniciar um curso de teologia, convém já no princípio buscar saber as tarefas e o ambiente ideal para um teologizar universitário na realidade das igrejas locais. Nossa contemporaneidade; com todas as discussões sobre fé, razão e divindade; demanda que todos independente de sua filiação religiosa ou formação acadêmica deveriam refletir teologicamente sobre si mesmos, o universo e o ser de Deus. Afinal, o que é o teólogo senão um cristão refletindo sobre sua fé? A teologia, por mais acadêmica que seja, é, acima de tudo, um saber existencial de nossa mais íntima relação com Deus. É, enfim, a própria vida do cristão.

E então? Cabe a quem construir a teologia? Seria o teólogo um especialista em Deus diferente do membro leigo que não pode estudar academicamente esse assunto? Ou ambos podem refletir sobre a fé e apresentar sua contribuição teológica? Sabemos que a Teologia Cristã não sobrevive sem a fé, mas e a fé? Sobrevive sem a Teologia?

Vê-se, portanto, que o mais delicado trabalho a fazer é encontrar a tênue, linha que ora une, ora separa o saber teológico da fé do saber intelectual da razão e, uma vez encontrando-a, usá-la com a sabedoria para evitar uma separação arbitrária entre fé e razão e, ao mesmo tempo, uma simbiose artificial entre **fideísmo** e racionalismo.

GUIA DE ESTUDO

Após a leitura dos questionamentos apresentados, transcorra um texto argumentativo e compartilhe com seus colegas no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

APRENDENDO A PENSAR

O estudante deverá analisar o tema da disciplina em estudo a partir das ideias organizadas pelo professor-autor do material didático.





1

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA

CONHECIMENTOS

Conhecer os conceitos básicos por trás do nome “Teologia”, sua origem e incorporação no cristianismo.

HABILIDADES

Identificar a história e o significado do nome Teologia, bem como suas implicações para o entendimento do assunto.

ATITUDE

Usar conscientemente o nome Teologia, sabendo todas as implicações que envolvem esse vocábulo.

Teologia: A História de um nome

Ao iniciarem seus estudos em Teologia, muitos estudantes se surpreendem ao descobrir que esta não é uma palavra de origem bíblica. A origem da palavra foi criação dos gregos e não os profetas. Na Grécia antiga, Teólogos eram poetas como Homero e Orfeu, que discursavam eloquentemente acerca de Deus. Daí o nome Teologia aplicado ao seu trabalho, pois o vocábulo procede originalmente de dois termos gregos: *Theos* (que quer dizer Deus) e *Logos* ou *Logia* (que quer dizer palavra, discurso). Portanto, o que temos aqui seria “uma palavra sobre Deus” ou “um discurso acerca de Deus”.

Filósofos usaram o mesmo termo em referência aos deuses do Olimpo e a descrição, nem sempre elogiosa, que faziam deles. Um exemplo é o livro “A República” de Platão, nele está o primeiro uso da palavra Teologia, de que temos notícia. Seu conceito, no entanto, já aparecia nos filósofos pré-socráticos, uma referência aos primeiros filósofos gregos que surgiram antes de Sócrates, como: Tales de Mileto, Anaximanes, Anaximandro, Heráclito e outros. No caso de Platão, ele o utiliza para referir-se à compreensão racional da natureza divina em oposição à forma poética conduzida pelos **rapsodos** de seu tempo.

Mas nem todos pensavam como Platão. Desde os pensadores pré-socráticos, havia o pensamento de que a filosofia surgira para suplantar o mito em relação aos deuses e o discurso dos poetas. Logo, essa “teologia” era a perpetuação dos mitos. Caberia à filosofia questionar racionalmente o saber teológico.

Por esta razão, Aristóteles vai falar várias vezes da Teologia como um exercício diametralmente oposto ao dos filósofos, embora, pelo menos numa ocasião ele admita que ela teria sido a primeira forma de filosofia do mundo que hoje chamamos de Metafísica ou “ciência dos primeiros princípios”. A Teologia é sinônima do pensamento mitológico, anterior ao surgimento da filosofia e desnecessário depois dela. Teólogos, para ele, eram os criadores de mito, como Hesíodo, Ferécides de Siro e Homero. Eles haviam nascido antes do surgimento da filosofia, chamada de “milagre grego”. Por isso, valiam-se de lendas para doutrinar o povo.

Tais situações ocorreram nos tempos da Grécia Antiga, quando o Antigo Testamento ainda estava sendo produzido. Os judeus desta época estavam ocupados demais com o fim do cativeiro Babilônico e a necessidade de reconstruir seu país, de modo que não parecem ter se importado muito com o novo termo ou suas implicações. Sendo assim, não temos, pelo menos naquele tempo, qualquer tentativa judaica de produzir uma “teologia” de sua fé, muito menos em conciliar Teologia e Filosofia.

A situação, porém, muda com o contato entre judaísmo e helenismo ocorrido no 4º. Século **a.C.**, após as conquistas de Alexandre, o Grande. Os judeus que moravam, sobretudo, em Alexandria, procuravam dar um viés mais filosófico para sua crença, de modo que ali poderia ser considerada a primeira tentativa consciente de um exercício teológico dentro do judaísmo.

Com a chegada e amadurecimento do cristianismo a Teologia se transformou numa disciplina com impactos no estabelecimento e sistematização da fé religiosa. Isto ocorreu especialmente no final do primeiro século e início do segundo, quando grande parte dos escritores cristãos eram procedentes do mundo greco-romano, que foram educadas na filosofia dos gregos. Estes autores desenvolveram uma “teologia cristã” com o fim de defender sua nova fé, primeiramente, diante do questionamento de eruditos pagãos e, segundo, por causa do surgimento de posicionamentos internos contrários à fé apostólica.

Os primeiros tratados teológicos de que se tem notícia foram escritos por autores como Ireneu de Lion (ca. 130 – 202) e Clemente de Alexandria (ca. 150-215). Eles intentavam com seus textos construir um arcabouço lógico e racional que pudesse levar as pessoas e entenderem melhor a natureza de Deus e sua revelação à humanidade através da pessoa de Jesus Cristo.

Mas coube a Orígenes (185-254) a fama de ter sido o primeiro autor a usar explicitamente o termo “teologia” dentro do contexto cristão. Ele era um converso vindo de Alexandria, que desenvolveu e organizou um sistema filosófico de fé dentro dos círculos cristãos. O problema é que ele nunca parece ter se desvincilhado por completo de sua prévia educação grega bastante influenciada pelo **estoicismo** e **platonismo**.

O **estoicismo** foi uma escola de pensamento grega, fundada por Zenão de Citio no início do 3º. Século a.C.. Para os estoicos, o universo era entendido como uma espécie de corpo governada por uma razão chamada Logos. Esse logos era divino e comandava igualmente a alma humana. É graças a esse Logos que ordena todas as coisas que o mundo é um kosmos, termo grego que significa “harmonia”.

O **platonismo** refere-se a uma corrente filosófica baseada no pensamento de Platão. Historicamente o movimento refere-se não apenas ao filósofo originador destes pensamentos, mas a todos os que seguiram e ampliaram seus ensinamentos.

Depois vieram mais autores como Tertuliano e Justino, o Mártir, que começaram a introduzir termos técnicos retirados da filosofia para complementar seu discurso acerca de Deus. Alguns destes elementos foram incorporados a certos temas, expressões e debates que são característicos da teologia até aos dias de hoje.

No 4º Século, Eusébio de Cesareia, um conhecido historiador da igreja, restringiu o uso do termo Teologia, aplicando-o exclusivamente ao estudo do cristianismo. Seu objetivo era desvincular a teologia de qualquer relação com os demais deuses do paganismo. Curioso é que bem antes de Eusébio ou de qualquer produção literária do cristianismo, um autor romano chamado Marcus Terentius Varro (século 1 a.C.) fez uma versão latina para conceitos da filosofia grega e propôs três diferentes gêneros de Teologia: a mítica, narrada pelos poetas; a política, presente nos cultos oficiais do Estado e a física que representava a natureza divina manifestada na realidade.

Desta última categoria teológica viria à questão da identidade de Deus ou dos deuses. Varro um **epicurista** voltado ao materialismo, queria libertar os homens do medo, da morte e dos deuses. A divindade para ele era como “a alma que governa o mundo por meio do movimento e da razão” (*animam motu ac ratione mundum gubernantem*). Assim, reduz os deuses a meros eventos naturais do mundo físico que não deveriam ser passíveis de adoração.

Embora os epicureus formalmente reafirmassem a crença nas tradicionais divindades gregas, na prática, elas eram vistas como parte do universo materialista e atômico, sendo irrelevantes para os assuntos humanos. Afinal, os deuses não estavam interessados nos assuntos humanos, logo, a crença na providência divina era considerada supersticiosa, e os rituais religiosos inúteis. Nós podemos chamá-los de **deístas**; os **estóicos** os consideravam ateístas, o que eles realmente eram num sentido prático (CHEUNG 2010: 21).

Em síntese, a teologia física proposta por Varro queria, com base na razão, explicar os deuses como parte do mundo físico a ser observado. Esse conceito apareceu num tratado hoje perdido chamado *Antiquitates rerum humanarum et divinarum*. Embora se trate de uma obra não cristã, Agostinho de Hipona haveria de lançar *mão* dela quatrocentos anos depois para defender que a teologia física proposta por Varro seria a verdadeira Teologia Cristã definida com outras palavras.

Agostinho faz várias referências ao conceito de Varro, mas o traduz por Teologia Natural (*theologia naturalis*) ou Religião Natural. No seu texto, “a Cidade de Deus”, ele expõe o pensamento do antigo escritor grego e depois argumenta a favor do Cristianismo como religião verdadeira (*vera religio*).

Para Varro, a religião não pertenceria ao âmbito da realidade (*res*), mas só âmbito dos costumes (*mores*). Deste modo, não existiram deuses criadores. Foi o Estado que os concebeu a fim de manter a ordem pública. A religião, portanto, seria um fenômeno político, fruto da criação humana.

Agostinho então tenta salvaguardar o cristianismo, dizendo que esses conceitos aplicam-se apenas às religiões pagãs. Porém, ele admite que a Teologia Natural pode abarcar outras reflexões racionais *não* cristãs. Apenas leve-se em consideração, continua ele, que acima da Teologia Natural estaria a Teologia Sobrenatural (*theologia supernaturalis*), uma categoria extra filosófica baseada na revelação. Esta complementar e superaria as limitações próprias da teologia anterior.

Finalmente, fechando esse ciclo dos primeiros séculos, adentrando a Idade Média, o propósito da Teologia era o conceito e o saber de Deus, conforme o ensino do cristianismo. Por isso, nos séculos que se seguiram a Teologia ficou praticamente restrita ao universo da Igreja Cristã, tendo pouco a dizer sobre outras formas de religiosidade espalhadas pelo mundo.

O discurso gravitava entre autores gregos **pós-nicenos** que usavam a teologia para falar da natureza de Deus e escritores medievais que o utilizavam no sentido de “um relato dos caminhos de Deus” ou, simplesmente, a Bíblia. Como dizia Hugo de São Victor “a Teologia é, ela mesma, a Sagrada Escritura” (*Commentariorum in Hierarchiam Coelestem*, Expositio livro 9 [Migne *Patrologia Latina* vol.175, 1091C]).

No início do 4º Século, Boécio preparou um tratado sobre a Trindade (*de Trinitate*) em que conceituou a Teologia como uma subdivisão da Filosofia voltada ao estudo da falta de incorporeidade, imobilidade e imaterialidade divina (em oposição à *physica*, que lidaria com o movimento e a corporeidade dos elementos).

A Filosofia foi aos poucos cedendo lugar e se transformando em disciplina auxiliar da Teologia. Autores latinos como Gregório IX e Alexandre IV costumavam chamá-la de “serva da Teologia” (*ancilla theologiae*), isto é, um instrumento subordinado à Teologia – eventualmente sob sua vigilância e controle.

Foi neste contexto que se “oficializou” aos poucos a incorporação do termo no vocabulário acadêmico da igreja. O povo, é claro, ainda não costumava empregá-lo.

Os leigos que sabiam falar latim eram muito mais familiarizados com expressões como *sacra scriptura* (Escritura Sagrada) ou *sacra erudito* (conhecimento sagrado) que com o termo Teologia. A maioria ainda não sabia do que se tratava ao ouvirem esse nome.

Até que no século XII, Pedro Aberlado produziu três livros – *Theologia 'Summi Bonni*, *Theologia Christiana* e *Theologia Scholarium* – que popularizaram mais seu uso. Esta trilogia era um compêndio sobre Teologia Sistemática que apareceu num grande número de títulos e versões. Aqui, Teologia passou a ser uma referência às faculdades universais que estudavam racionalmente o dogma cristão.

Iniciava-se, neste mesmo tempo, um importante movimento na Europa que era a escolástica ou escolasticismo, um método de pensamento crítico dominante no ensino das escolas medievais europeias até por volta do século XVI. Seus principais líderes eram professores católicos que ministravam nas escolas monásticas da Idade Média. Seu objetivo era conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional especialmente oriundo da filosofia grega.

Assim, por estarem essencialmente comprometidos com os dogmas da Igreja, os escolásticos queriam responder às exigências da fé ensinada. Contudo estavam por demais mergulhados na filosofia, especialmente, aquela de fundo aristotélico.

O principal representante deste movimento foi Tomás de Aquino com sua obra *Summa Theologica* que até hoje é referência no mundo acadêmico, especialmente entre autores católicos. Sua ênfase, e dos demais escolásticos, estava na dialética, um método sugerido por Aristóteles que consistem criar um diálogo entre duas ideias naturalmente opostas entre si, um diálogo entre Teologia e Filosofia como forma de ampliar o conhecimento por meio de inferências que ajudassem a resolver contradições entre a razão e os dogmas da fé cristã.

A filosofia, que até por volta do Século V era mais clássica e helenística, encontrava-se no período escolástico completamente influenciado por elementos da cultura judaica e cristã, à medida que pensadores da igreja sentiram que era necessário aprofundar a fé do cristianismo em harmonia com as exigências do pensamento filosófico dos gregos.

Com a redescoberta de Aristóteles no ocidente, fato ocorrido após uma edição de seus livros feita por Andrônico, os escritos de Aristóteles desapareceram do ocidente por muitos séculos e só foram recuperados por meio de traduções latinas feitas a partir de versões árabes que foram feitas por intelectuais islâmicos que ocuparam a Península Ibérica. Tomás de Aquino foi um dos principais responsáveis pela introdução

de Aristóteles no mundo ocidental dominado pela igreja e também tornou a Teologia uma ciência inseparável da filosofia ao analisar a estrutura racional da fé.

Sendo um autor puramente lógico e orientado pela natureza, os escritos de Aristóteles influenciaram muito no surgimento de um racionalismo e um cientifismo metodológico em contradição com a espiritualidade e o misticismo reforçado por Platão.

Aquino, ainda tentando salvaguardar a exclusividade da Teologia para tratar de temas cristãos, terminou trazendo o racionalismo para o seio da Igreja. Ele dizia que a Teologia Natural é uma possibilidade a ser aventada, é a fé distinguida da razão. O que não pode ser aceito pela razão (que é natural) deve ser aceito pela fé (que é a Escritura Sagrada).

Com o passar dos séculos, o Deus do Cristianismo foi ficando cada vez mais abstrato e menos significativo para os intelectuais do ocidente. Os milagres se tornaram cada vez mais raros e questionáveis. Criou-se um ambiente em que o cristianismo passou a ser visto por muitos como irrelevante e a exclusividade teológica da fé cristã uma tolice.

Novas correntes como ceticismo, empirismo e pragmatismo começaram a ser divulgadas por filósofos como Descartes, John Locke, William James e outros. Então veio a popularização de uma corrente da teologia natural e novas propostas se configuraram.

Hegel, 1907, questionando a restrição tradicional imposta ao estudo teológico, defendeu que à Teologia caberia ser mais do que o discurso da fé cristã. Ela deveria ser o estudo das manifestações sociais de vários grupos em relação às divindades. Sua proposta consistia em afirmar que, sendo impossível estudar a Deus diretamente, resta ao pesquisador observar aquilo que o representa socialmente através de diferentes culturas, inclusive aquelas não cristãs.

A Teologia para Hegel (1907) deveria representar o pensamento de várias religiões. Sua proposta influenciou bastante as gerações seguintes de modo que hoje é comum ouvir falar em teologia judaica, teologia budista, teologia islâmica e até subdividir mais a teologia cristã em áreas mais específicas como teologia protestante, teologia adventista, teologia católica, etc.

Temos assim moldurada a linha principal daquela que chamamos teologia contemporânea. Seu objetivo é traçar o estudo de Deus, focado principalmente em questões que foram levantadas mais recentemente na história da humanidade.

A teologia contemporânea visa às tendências e transformações ocorridas dentro das publicações teológicas lançadas especialmente após a I Grande Guerra. Suas áreas de concentração têm incluído o fundamentalismo religioso, os movimentos carismáticos, a neo-ortodoxia, o neoliberalismo, as mudanças católicas trazidas pelo Concílio Vaticano II, o chamado movimento da Morte de Deus, o renovado interesse na ortodoxia oriental, o pós-modernismo e o moderno evangelicalismo.

Somado a isso, vem à tendência globalizante que unida à proposição hegeliana inclui na Teologia o interesse por certos gêneros, segmentos religiosos e grupos étnicos específicos. Alguns destes segmentos encontram-se nas chamadas teologias genitivas como “Teologia da Libertação”, “Teologia da Prosperidade”, “Teologia da Beleza”. Outros voltam-se para teologias setoriais (mulheres, negros, pós-modernos) e étnicas como afro-americanos, africanos, índios, negros, orientais, nativos etc.

Uma área adicional da teologia contemporânea seria o tema do diálogo inter-religioso ou interconfessional. Neste tipo de estudo, uma atenção é dada para as similaridades e diferenças que existem entre o Cristianismo histórico e outras formas de expressão religiosa encontrada ao redor do mundo. Em particular, muita atenção tem sido dada recentemente ao islamismo e suas implicações para o mundo ocidental.

Uma proposta que se inspira em Hegel, mas dispensa seu método, é a chamada teologia da religião. Trata-se de um ramo da Teologia que é desenvolvido à luz da teologia cristã com vistas a entender e interpretar a tradição de outros seguimentos religiosos numa perspectiva inclusivista. Ela parte do pressuposto de que Deus não atua apenas no cristianismo, mas que sua providência age para salvar a humanidade em Cristo, mesmo estando em outras religiões (PATRO, 2011; GAIKWAD, 2011).

A teologia da religião investiga, pois, o sentido de salvação e os valores espirituais encontrados em outras crenças. Também debate os aspectos éticos da convivência entre cristãos ou não na mesma divisão do espaço. Em síntese, procura entender o modo como cada um concebe a fé em sua própria visão de mundo. Como Cristo, enfim, se revelou para outros povos.

Tendências sociais e filosóficas também fazem parte do foco de estudos da teologia contemporânea. A ecoteologia: Os defensores deste viés entendem que existe uma relação entre o mundo espiritual (ou nossa compreensão dele) e a degradação constante da natureza. Assim, entendem que o homem deve ser teologicamente educado para agir com propriedade em relação à natureza que Deus lhe deu para cuidar (ROGERS, 1973).

Outro exemplo, desta vez filosófico, seria a atenção dada por muitos teólogos ao pós-modernismo e suas relações com a fé. Mais recentemente temas envolvendo bioética, direitos humanos, ecologia, família e liberdade religiosa também passaram a fazer parte da agenda de discussões.

Teologia e Ciência da Religião

No intuito de salvaguardar os aspectos mais conservadores da Teologia Cristã, preferem deixar que essas temáticas sejam estudadas pela Ciência da Religião que é distinta da Teologia. Mas em que sentido ambas se diferem?

A Ciência da Religião se difere da Teologia Cristã nos pressupostos e no método que cada uma utiliza. Embora não defenda o menosprezo por outras formas de expressão religiosa, busca o conhecimento aprimorado de uma religião em particular. Os demais seguimentos servem apenas de elemento comparativo com aquilo que o Teólogo crê e procura conhecer. Suas investigações são delimitadas, por assim dizer, dentro do escopo de sua própria confessionalidade ou até mesmo a falta dela.

Procura analisar todas as manifestações religiosas em pé de igualdade, ela é empírica e busca conhecer os fatos e agir com neutralidade. Não questiona a verdade ou qualidade desta ou daquela religião analisada, na verdade o que lhe interessa mais é o fenômeno religioso em si e não determinado conjunto de doutrinas ou a veracidade da Revelação.

Do ponto de vista metodológico, o Teólogo Cristão estuda as demais crenças à luz da revelação Bíblica e emite juízos de valor sobre o certo e o errado. O Cientista da Religião procura a neutralidade, partindo do pressuposto de que as religiões são sistemas formalmente idênticos sem nenhuma noção de verdadeiro ou falso, herético ou ortodoxo. Enfim, não se questiona a veracidade ou qualidade de uma religião.

Para as ciências da religião, tudo aquilo que está no campo das crenças, sejam mitos, doutrinas, verdades religiosas, ou mesmo a magia, diz respeito ao universo simbólico religioso e é passível de compreensão. Para a religião [Teologia], nem tudo pode ser colocado no mesmo balaio, pois parte sempre de uma verdade absoluta e a crença do outro acaba sendo vista como pura credence, adoração de ídolos ou simples ato mágico (GUERRIERO, 2005).

Em que pesem as diferenças, é possível haver diálogo entre Teologia e Ciências da Religião. Mais do que isso, é imprescindível que haja. Principalmente considerando que a segunda é filha da primeira.

Talvez, uma forma de conciliar as duas propostas (teológica e científica) seria da parte dos estudiosos da fenomenologia admitir que não exista neutralidade verdadeira e respeitar o direito do teólogo de ter posicionamentos prévios. De igual modo, deve ser anotado que, contanto não seja objetivo principal da Teologia Cristã investigar toda e qualquer coisa que possa se dizer “fenômeno religioso”, um bom teólogo pode e deve agir como um acadêmico na investigação de verdades bíblicas.

Caso tenha os elementos necessários ao seu dispor, cabe-lhe ter como meta a sistematização bem elaborada das normas e verdades a serem seguidas por sua profissão de fé religiosa. Ademais, para que uma análise seja verdadeira, sincera e apresente resultados positivos, é importante que tanto o cientista da religião quanto o teólogo vivam uma verdadeira experiência espiritual antes de se aventurarem na investigação de um fenômeno ou de uma funcionalidade religiosa.

Não se pode igualmente esquecer, que mesmo dentro do mais profundo exercício intelectual, é a iluminação provida pelo Espírito Santo de Deus que conduzirá o investigador sincero a descortinar as verdades de sua revelação. Não se trata, portanto, de um esforço intelectual completamente humano (JO 16:12 E 13).

Aquele que pretende viver de acordo com a Palavra de Deus, deverá antes de tudo relacionar-se com a divindade e focar sua atenção investigativa na compreensão das verdades bíblicas. Por isso os cristãos são chamados ao constante exercício da aprendizagem (COL. 1:10; II TIM. 2:15. Cf. ESD. 7:10).

Recentemente, surgiu uma corrente chamada Teologia Cibernética ou Cybertheology, em inglês. O cyberspace ou ciberespaço é um espaço em que não é necessária a presença física do indivíduo para que aconteça uma forma de

comunicação, é o espaço virtual disponibilizado pela tecnologia para novos meios de comunicação. A cibernética é tão atual e popular que já se fala em cibercultura, espaço em que redes ficam literalmente “congestionadas” pelo grande número de usuários online ao mesmo tempo. Fala-se de “cidade de bits”, “cidadãos-rede” e “homepages”.

Não apenas a Internet, mas tablets, celulares, pagers e outras tecnologias são elementos que popularizaram esse tipo de comunicação pós-moderna. A cibernética também traz seus riscos como é o caso da confusão criada entre o real e o virtual. Tentativas bem sucedidas de relacionar mundo físico e sociedade cibernética levou muitos a negarem sua identidade e literalmente “morarem” numa cidade fictícia como aquela do famoso jogo “Second Life”.

Negar esta realidade ou negligenciá-la não é uma atitude sensata e a Teologia tem de se aperceber disso. A grande questão é como dialogar com esse mundo sem a perda de valores? Por isso alguns intentaram a criação da teologia cibernética que tem por fim, compreender como o cristianismo e a teologia afetam e têm sido afetados pelos novos meios de comunicação de massa do século 21? Como as novas tecnologias têm feito à divulgação da fé ser modificada? Em que isso pode afetar nossa identidade apostólica?

A ideia, como apresenta Spadaro (2014) é dialogar sobre as relações entre Teologia e Tecnologia do século 21. Além disso, intenta-se prover recursos para aqueles que se interessam pelo “estudo da Teologia no ciberespaço”, “a Teologia do ciberespaço” e a “Teologia para o ciberespaço” (HERRING, 2015).

Borowik-Dabrowska (2004 Apud GEORGE, 2006: 183) declara que: “a tarefa dos teólogos das mídias de massa é levar os demais a compreender as consequências antropológicas e morais da existência do World Wide Web [www]”.

Ainda Contudo, se devamos ou não ter uma Teologia específica voltada ao interesse da facilidade de comunicação provinda pela tecnologia do século 21. Muitos questionam a necessidade de uma teologia-cibernética. Contudo, não se pode negar as implicações deste novo contexto para as compreensões atuais da natureza e dos propósitos de Deus.

Avance com foco no aprendizado

Vídeo Unidade I







2

CONCEITO DA TEOLOGIA

CONHECIMENTOS

Compreender sobre a construção histórica da teologia enquanto ciência.

HABILIDADES

Reconhecer a teologia como uma ciência ampla para as mais distintas religiões e conceitos de fé.

ATITUDES

Analisar a teologia e as múltiplas visões sobre seu conceito enquanto ciência.

O que é Teologia?

Foram os Pais da igreja os primeiros escritores medievais que incorporaram aos poucos o termo Teologia ao vocabulário do cristianismo. Nesse novo contexto, ela passou de “discurso sobre Deus” a “ideia de Deus” e, mais tarde, estudo de Deus (definição hoje tremendamente criticada, pois Deus não é objeto passivo de ser racionalmente analisado).

Popularmente, a teologia é conhecida como o estudo de padres e pastores que querem ser líderes numa determinada agremiação religiosa. Há, no entanto, várias definições espalhadas em livros e artigos acerca do que é, finalmente, Teologia. Para alguns, trata-se do especialista em Deus que como qualquer outro acadêmico (Biólogo, psicólogo, museólogo), usa o Altíssimo como objeto de pesquisa. Tal impressão não dá conta da realidade histórica e atual do termo. Portanto, o equacionamento comum entre Teologia e Ciência de Deus precisa ser explicado.

Ninguém pode ser um “especialista” em Deus. Já dizia Karl Barth (1956), um dos mais renomados teólogos do século XX, “o que é a Teologia, senão o crente refletindo sobre sua fé?” (Church Dogmatics I/1, p.3).

As diferentes definições de Teologia, se observadas, conforme encontradas nos tratados publicados ao longo do tempo, notaremos que apesar de distintas a maior parte das definições são harmoniosas e complementares. A diferença maior está em algumas publicações mais recentes que, influenciadas pela proposta de Hegel, ampliam o leque de estudos da Teologia ultrapassando os limites do cristianismo ou até desvinculando-se das relações exclusivas com a Bíblia como única fonte doutrinária. Neste sentido, a teologia seria apenas o estudo de qualquer expressão religiosa, seja ou não cristã.

Poucos chegaram até a propor uma chamada Teologia do ateísmo que estudaria basicamente a descrença em Deus e o que dizem os que não acreditam em sua pessoa. Mas estes não tiveram muita aceitação nos meios acadêmicos.

Veja, portanto algumas diferentes definições:

"A Teologia é a ciência de Deus segundo ele se revelou em sua Palavra". (KEVAN, 1991).
"A ciência de Deus e das coisas divinas, baseada na revelação feita à humanidade em Jesus Cristo, e sistematizada de diferentes modos na Igreja Cristã". (POPE, 1880).
"Teologia Cristã... é o ramo da ciência que objetiva oferecer uma expressão sistemática às doutrinas da fé cristã". (BROWN, 1919).
"Teologia é a exibição dos fatos escriturísticos em sua própria ordem e relação com os princípios ou verdades gerais envolvidas nos próprios fatos em si e que adentram e se harmonizam com o todo". (HODGE, 1997).
"Teologia é um discurso acerca de Deus, conforme relatado a seres morais e seu universo criado". (HILLS, 1932).
"Teologia Cristã significa a ciência da religião cristã, a ciência que descreve, justifica e sistematiza toda verdade atingível concernente a Deus e sua relação, através de Jesus Cristo, ao universo e, em especial, à humanidade". (HOVEY, 1877).
"[Teologia é] pensar sobre Deus e expressar esse pensamento de alguma maneira". (RYRIE, 1986).
"[Teologia é] o estudo ou ciência de Deus". (ERICSON, 2001).
"[Teologia é] a ciência de Deus e das relações entre Deus e o Universo". (STRONG, 1909).
"Teologia é o estudo das crenças, práticas e experiências religiosas, o estudo de Deus ou deuses em sua relação com o mundo". (DICIONÁRIO MERRIAM-WEBSTER, 2015).
"Teologia é o estudo racional e sistemático da religião, suas influências e a natureza das verdades religiosas. Um sistema particular ou escola de crenças e ensinamentos religiosos". (GEORGE, 2006).
"Teologia é o estudo dos ensinamentos religiosos e dos fundamentos da crença". (MUELLER, 2007).
"Teologia é a interpretação da realidade à luz da esperança". (MUELLER, 2007).

A Teologia é um conjunto de comprometimentos emocionais e intelectuais que justificam ou não a crença e o relacionamento dos indivíduos com Deus. No entendimento cristão, ela parte da revelação que Deus faz de si mesmo. Deus não apenas se revelou, mas sim, verdades acerca de si e do mundo. Essas verdades têm sua lógica, mas não são baseadas no intelectualismo, onde a fé é razoável, mas não é racionalista, desafia muitas vezes os padrões da lógica humana, pois predica sobre o Deus dos impossíveis.

Há fatos que estão além da compreensão, como por exemplo, como uma virgem deu a luz ao filho de Deus ou como foi que Cristo estando morto ressuscitou dentre os mortos. Estas são verdades aceitas pela fé, sua credibilidade reside na autoridade divina previamente estabelecida e sustentada por argumentos históricos. A autoridade de Deus, atrelada ao fenômeno da revelação, confere legitimidade ao texto sagrado e às verdades que ele contém.

Essa íntima relação entre fé e teologia leva alguns a entenderem o método teológico como a “fé em estado de ciência”. Qual ciência? A mesma que nos leva a conhecer as verdades reveladas que formam as doutrinas do cristianismo.

Qual, portanto, seria a diferença entre teologia e doutrina? Seriam elas perfeitamente sinônimas ou conceitos em oposição?

Teologia e Doutrina

Uma vez que a maioria das correntes cristãs entende a Teologia como um estudo sobre Deus baseado na revelação divina, deve-se deduzir que o objeto da investigação não é o próprio Deus, mas as verdades que ele revelou sobre si mesmo.

Etimologicamente Teologia é o estudo ou discurso sobre Deus, já a doutrina, por sua vez, vem do latim *doctrina* que quer dizer “ensino”. Em geral, pode-se dizer que as doutrinas são o conteúdo revelado por Deus, conforme os encontramos na Bíblia Sagrada, esse conteúdo ou “ensinos”, chamados em latim de *sedes doctrine*, são cumulativos, isto é, um pressupõe o outro e todos devem ser vistos em conjunto e harmonia.

Teólogos Católicos tendem a valorizar igualmente a tradição e o Magistério da Igreja como fontes doutrinárias em pé de igualdade com a Bíblia. Grupos menores como os mórmons também aceitam que escritos oficiais de sua religião são fontes autoritativas de doutrinas a serem seguidas, mesmo que estas não se encontrem nas Escrituras Sagradas. Já a ala protestante, baseada, sobretudo, no *Sola Scriptura* de Martinho Lutero, entende que as doutrinas cristãs deverão ser extraídas exclusivamente da Bíblia e de nenhuma outra fonte.

A Teologia, portanto, nesta visão, seria a reflexão que se faz sobre essas doutrinas e o modo de pensar sobre cada uma delas. Por exemplo: A Bíblia diz que no fim dos tempos haverá uma ressurreição geral dos mortos – esta é uma doutrina. Mas como, diante disso, deve o cristão encarar o tema da morte e do sofrimento? – esta é uma reflexão teológica.

Doutrina e Teologia, portanto, não são sinônimos. A doutrina é uma forma de Teologia que geralmente é aceita como autoritativa por um grupo organizado

de crenças. A doutrina é uma forma de expressão da Teologia. Contudo, a Teologia mesmo sendo maior e mais ampla, não pode existir sem uma doutrina que lhe dê forma e significado.

As doutrinas não nascem da Teologia. Elas devem vir diretamente da Palavra de Deus. Já a Teologia, por sua natureza, pode lançar mão de outras fontes de verdade a fim de se construir e de entender melhor as doutrinas bíblicas. A Filosofia, a História, a Lógica e a Psicologia podem ser algumas destas fontes.

Como Fazer Teologia?

“Fazer teologia” é uma expressão comum nos círculos acadêmicos. Mas o que significa isso? Vários autores definem que fazer teologia é necessariamente cursar uma faculdade de Teologia, mas refletir de modo teológico sobre determinado problema. Como declarou Jones (2009), é o “processo da fé em busca de entendimento”.

Quando um crente aceita a Bíblia como fonte da vinda de Deus, sua teologia deverá ser centrada no processo de refletir e aplicar as verdades bíblicas a situações particulares. Este é um processo interativo que envolve o estudo da Bíblia, a igreja local a que você pertence, sua religião (ou falta dela), sua comunidade e, no caso dos que são líderes religiosos, o cargo e papel que você desempenha naquela específica agremiação religiosa.

Em outras palavras, é na Igreja (e a partir dela na Sociedade) que a Teologia é aplicada. Na igreja porque a Teologia envolve relação pessoal com Deus, mas não pode ser um saber avulso. Ela demanda a relação com a divindade e também com nosso semelhante. E da igreja para a sociedade, para que a religião não se torne algo irrelevante ou uma espécie de clube dos santos deixando, assim de desempenhar o papel para o qual foi chamada.

A Teologia está para a fé, como a Política está para o cidadão. Você pode não ser filiado a nenhum partido, nem estar muito por dentro dos assuntos do governo, mas o modo como o país é administrado por um político, afeta diretamente a sua vida. O mesmo acontece com os assuntos teológicos, você pode não acompanhar de perto os embates acadêmicos ou conhecer as tendências do assunto, mas a postura que você assume na igreja certamente reflete uma corrente. Você mesmo que inconscientemente adotou a posição teológica de alguém.

Quem não vota está deixando que outro decida por ele e quem não se inteira das questões doutrinárias está deixando que outro creia no seu lugar e está se limitando a repetir o que diz a maioria. A fé não pode ser tratada apenas como senso comum. Cada um tem responsabilidade reflexiva sobre ela. Cada um deve, conforme a expressão que você acabou de conhecer, “fazer teologia”!

Para Refletir!

Mas note que dado interessante: Como você viu anteriormente, os dicionários e autores definem de diferentes modos o que é a Teologia, mas nenhum deles arrisca dizer “quem” é o teólogo.

A Teologia nasce da fé, logo, o Teólogo é nada menos que qualquer ser humano no exercício e compreensão de sua crença a partir da revelação de Deus. No dizer de Anselmo de Cantuária: “Não busco compreender para crer, mas creio para compreender” (*non enim quaero intelligere, ut credam; sed credo, ut intelligam* [Proslogion, 1]). Continuando, ele afirma “a fé ama saber” (*fides quaerens intellectum*).

Não necessariamente alguém precisa ser padre, pastor ou bispo para “fazer teologia”, isto é, refletir teologicamente sobre um tema. Todos, conforme deduzimos podem ter sua teologia. A diferença é que alguns – formados num seminário ou curso superior – o fazem profissionalmente, enquanto outros de modo mais informal.

O graduado em Teologia poderá lançar mão mais facilmente de ferramentas, técnicas como línguas bíblicas, exegese, arqueologia bíblica, linguagem técnica etc. Mas isso, não faz dele o único em condições de refletir teologicamente sobre Deus. Na parte técnica o profissional de Teologia pode ser mais capacitado que aquele que não tem formação acadêmica na área, mas no campo espiritual todas as reflexões estão em pé de igualdade, desde que feitas com sinceridade e baseadas na revelação que Deus faz de si mesmo.

Esta definição mais ampla do que significa “fazer teologia” entende que a sabedoria de Deus revelada e recebida por uma mente sincera terá efeitos positivos nas mais diferentes situações da vida. A ação efetiva de Deus será reconhecida em cada acontecimento da história humana, seja ela particular ou geral.

Isso não significa que quem faz uma reflexão teológica não tenha dúvidas, cometa erros ou que não se conscientizou dela, jamais chegue a uma certeza. Não

se trata disso, a reflexão teológica transforma a própria existência humana, numa constante interpretação da Palavra, da fé, da caminhada com Deus a fim de obter respostas para as mais importantes perguntas: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Para líderes religiosos esse imperativo de reflexão se torna ainda mais urgente. Estudantes de Teologia devem ser expostos à história das grandes correntes, não necessariamente para concordar com todas elas, mas até mesmo para saber por que discorda.

Essa exposição e conseguinte posicionamento, o levará a ver o que os teólogos atuais e do passado procuram ter sua contribuição na teologia. O próximo passo será o treinamento de outras pessoas de seu próprio convívio para também ajudá-los em sua reflexão teológica. Fazer teologia implica em contribuir positivamente com o andamento da Igreja local (BELL, 2011). Por outro lado, o distanciamento entre pastorado e teologia transforma o ministério numa ação intuitiva, não planejada, de resultados duvidosos.

O mesmo se pode dizer de uma teologia que não seja “pastoral” que não tenha “cheiro de ovelhas”. Se a reflexão que ela promove não tiver algo de prático, que conduza pessoas ao encontro com Deus, ela se transformará numa utopia e num “teologismo” - uma palavra importante, porém, desconhecida para muitos.

Teologismo consiste no abuso dos princípios teológicos, especialmente pelo clero institucionalizado e pelos que foram treinados. É uma espécie de cientificismo de Deus, onde até os atos do Altíssimo são precisamente previsíveis por seguirem regras já descobertas pelos que se doutoraram em divindade.

Geralmente, o Teologismo considera a interpretação acadêmica ou oficial da Teologia, a única versão válida da vida real. Ele esvazia, por assim dizer, o lado prático e simples da fé, rejeitando a autonomia dos crentes. Tem dificuldades em aceitar que haja diversidades na unidade, atua como se só a leitura dos especialistas fosse válida. O teologismo distancia tanto o acadêmico da realidade eclesial como o torna um alienado social. Além do que conduz ao dualismo entre leigos e teólogos e ao espiritualismo que é a religiosidade desorientada (BOFF, 1993).

Neste enfoque a fé é frequentemente colocada em oposição ao conhecimento racional, mesmo os que a defendem façam um discurso piedoso e se valham da razão como forma de pseudointelectualismo. Utilizam um eruditismo aparente, apenas para validar sem questionamento seus próprios raciocínios que, na falta

de uma sustentação coerente, devem ser “aceitos pela fé”. O que se logra é uma mistificação do não acesso ao saber, que contrapõe o leigo simples, o-que-nada-sabe, mas tem fé, ao Teólogo culto, o-que-tudo-sabe, é estudado e, portanto, tem uma fé mais especializada que a dos demais.

O processo acontece no campo da inconsciência e como ocorre com quase todos os defeitos humanos, dificilmente admitidos. No fundo, ele legitima, em última instância, o retorno aos padrões medievais de domínio eclesiástico sobre os leigos, onde a dependência dos membros, revestida de uma aura de espiritualidade, é cultivada e tida por desejável. Sendo assim, se a reflexão teológica é tão importante, inclusive para os leigos, que processo deveria ser seguido por aqueles que querem legitimamente “fazer teologia”? Esta é uma questão simples, mas de significado profundo.

Considerando que você está fazendo um curso formal de graduação em Teologia, imagine que peçam que você pregue um trabalho acadêmico, pregue um sermão ou apresente uma palestra. Então alguém, após ouvi-lo ou ler o que você escreveu lhe pergunta: “Qual é a base bíblico teológica de seu estudo?”.

Qualquer que seja a pergunta que você oferecer – ou até mesmo a ausência dela – será a formulação de sua teologia. Pelo menos seis elementos chave deveriam interagir para responder a essa pergunta:

- 1** O conhecimento e a compreensão do texto bíblico.
- 2** O autoconhecimento e lucidez emocional, incluindo sobre sua própria história de vida, sua cultura, seus valores.
- 3** O conhecimento da história e da cultura do tema que se está discutindo. Como ele foi, ao longo do tempo, tratado pelas pessoas que se debruçaram sobre ele?
- 4** A adaptação, sem perda de valores, daquela temática aos dias atuais.
- 5** A busca por saber como Deus está atuando nesta situação específica.
- 6** Um pensamento crítico e reflexivo guiado pela constante presença de Deus.

A combinação e a compreensão destes elementos darão forma a um aspecto pessoal da teologia. Quanto mais cuidadosa e profunda for a percepção de cada um deles (isoladamente e em conjunto) mais sugestiva e relevante será os aspectos pessoais em relação à teologia.

A interação dos cinco elementos pode-se dizer que, o primeiro passo é descobrir passagens bíblicas ou declarações que tenham a ver direta ou indiretamente com aquela temática. O segundo, você se pergunta pelos caminhos que o conduziram até aquela temática. Apenas um exercício acadêmico? Interesse pessoal? O que lhe despertou aquele tema? Como você se sente emocionalmente diante dele? Finalmente, se sua vida fosse transformada em capítulos, o encontro com esse assunto seria intitulado de que maneira?

O terceiro é explorar as vozes da história. Como aquele assunto foi entendido ao longo dos anos? É uma problemática recente? O que os antigos diziam sobre ela? Quais são as tendências atuais àquele respeito? Como você se posiciona diante delas?

O quarto consiste em uma continuação natural do terceiro, explora-se em conjunto as assertivas da fé ao longo da história, com vistas a perceber como o texto bíblico e sua interpretação foram adaptados a determinado tempo e lugar. Os que nos antecederam viveram em meio às complexas ambiguidades e sentidos temporais da experiência humana. Seu exemplo nos incentiva a reinterpretar os mesmos temas no tempo e lugar em que vivemos (BELL, 2011).

O quinto é a tentativa de se reconhecer a ação de Deus na história. Por vezes, há um hábito de estudar a história, mas não a testemunhá-la, um exemplo, se dá ao fato de reconhecer de imediato uma situação de racismo ou segregação assistindo um filme, lendo, ou ouvindo um caso. Quando algo acontece em que se esteja presente, há uma tendência a dar-lhe uma explicação análoga, mas não exata que geralmente a coloca em paralelo, mas não em coincidência com o problema que está acontecendo. O ganho deste passo é colocar o dedo na pulsação do mundo e perceber os fatos não a posteriori, mas enquanto estão em curso e assim se posicionar diante deles.

O sexto e último passo descreve a humildade que deve haver por parte do pesquisador ao aproximar-se dos desafios intelectuais subjacentes nos passos anteriores. Ratifica-se a certeza de que a reflexão teológica requer: um pensamento crítico, no sentido de que o pesquisador formulará questões pertinentes, suposições razoáveis capazes de serem exploradas, uso de conceitos abstratos e concretos, consciência de quais são os padrões de fé que não podem ser negociados e, acima de tudo, humilde dependência da guia de Deus ao longo do processo.

Estes seis passos são necessários para se desenvolver uma teologia relevante que beneficia o pesquisador e contribui para a formação de discípulos.

Avance com foco no aprendizado

Vídeo unidade II







3

DIVISÕES DA TEOLOGIA

CONHECIMENTOS

Compreender as divisões da teologia, bíblica, sistemática, prática, aplicada ou pastoral.

HABILIDADES

Identificar e diferenciar as divisões da teologia quanto aos seus métodos e sua natureza.

ATITUDE

Atrelar as divisões da teologia em relação à formação para as ciências.

Estudo das Teologias

Friedrich Schelling (1775-1854) foi um renomado teólogo e filósofo Alemão, um dos grandes representantes do idealismo, sendo citado como fonte de referência em pensamentos sistêmicos e filosofia da natureza. Em *Lectures on the Method of Academic Study* (1802–03), argumenta que antes do estudante buscar uma especialização, seria importante conhecer de maneira orgânica a área na qual pretende seguir, ou seja, como esta ciência ou ramo do conhecimento está representada no seu todo? Quais são suas principais áreas de atuação? Quais são seus departamentos? Como eles se relacionam entre si?

Apesar de ser um conceito do século XIX, o método sugerido por Shelling é atualizado com as mais recentes correntes de ensino (SCHINDLER, 2013). Houve um tempo em que se valorizava o conhecer cada vez mais sobre cada vez menos, isto é, sabe-se muito sobre pouco. Acreditava-se que no mundo acadêmico, quem ganha em expansão perderia em profundidade. Daí o surgimento de especialistas tremendamente profundos, mas que não arriscavam sequer a comunicação com outras áreas ou emitir conceitos fora de sua especialização.

Ainda continua desaconselhável para fins acadêmicos a figura do pesquisador generalista que fala de tudo como se dominasse igualmente todas as áreas do conhecimento. Não é prudente buscar um conhecimento vasto como o oceano, que seja profundo como um pires.

Qualquer acadêmico que devota tempo para relembrar o todo de sua ciência e dialogar com outras disciplinas, ganha muito em pesquisa. É imprescindível que o estudante incipiente de Teologia seja introduzido às diferentes áreas desse saber e compreenda, por si, as relações existentes entre os múltiplos setores da investigação teológica. Assim, poderá desenvolver um pensamento integrador que vê a parte dentro de um todo e desenvolve seu método de investigação em harmonia com o conjunto geral da reflexão teológica.

Afinal, nenhum montante de informações poderá ser considerado científico ou acadêmico a menos que seja classificado, subdividido, reconhecido não apenas em si mesmo, mas na relação com seus pares. Somente com essa base bem estabelecida, é possível buscar um conhecimento mais específico ou justificar uma pesquisa em *stricto sensu*.

Para aqueles que têm uma visão mais ampla da Teologia, abarcando toda e qualquer forma de estudo das manifestações religiosas, a Teologia é normalmente

dividida em dois grupos: 1) **Teologia Cristã** e **Teologia Étnica**. Esta segunda se especializariam nas religiões não cristãs que negam a Revelação Máxima de Deus em Jesus de Nazaré.

Outra divisão, mais comum nos tempos medievais também separava o estudo em duas grandes áreas: 1) **Teologia Natural** – que envolvia os fatos da natureza, da razão e da consciência que apontavam para as coisas de Deus e a **Teologia Revelada**, cujas fontes eram as Escrituras Sagradas conforme interpretadas pelo Magistério da Igreja.

Novas propostas surgiram defendidas por proeminentes teólogos. As divisões mais acadêmicas surgiram pela primeira vez em Enciclopédias Teológicas Protestantes publicadas entre os séculos XVIII e XIX. O famoso tratado de Schleiermacher *Brief Outline of Theological Study* lançado em 1811 foi certamente um pioneiro deste formato, embora sua proposta não tenha ganhado grandes adeptos. Ele organizou a Teologia em três grandes áreas: 1) Filosófica 2) Histórica e 3) Prática. Outra tentativa veio de P.Schaff que propunha cinco partes: 1) Teologia Geral, 2) Exegese (Bíblica), 3) Histórica (eclesiástica), 4) Sistemática (filosófica) e 5) Prática.

Nesta época, contudo, a Teologia Prática não tinha ainda o mesmo viés que você conhecerá hoje, antes referia-se mais aos resultados práticos da exegese, da história e da sistematização das doutrinas para a vida da Igreja e as atividades do clero.

Hoje, a divisão mais usual entre os acadêmicos é aquela que separa a Teologia em quatro grandes áreas, embora alguns tratados insistam em manter cinco, incluindo a chamada Teologia Filosófica. Seja como for, os **quatro departamentos** ou seções mais comumente apresentados são estes:

Teologia Bíblica

É o estudo do conteúdo e da teologia do Antigo e Novo Testamento, envolvendo também o estudo de hebraico, aramaico e grego. Inclui estudos como: hermenêutica, o antigo e novo testamento, princípios de interpretação, línguas bíblicas, arqueologia etc. Sua subdivisão ficaria mais focada nos próprios livros da Bíblia a seguir:

- Teologia e conteúdo do **Antigo testamento**, geralmente dividido em quatro partes: 1 – Pentateuco, 2 – Livros históricos, 3 – Livros poéticos, 4 – Livros proféticos.

- Teologia e conteúdo do **Novo Testamento**: geralmente dividido em seis partes: 1 – Evangelho Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), 2 – Evangelho de João, 3 – Atos dos Apóstolos, 4 – Epístolas Paulinas (incluindo Hebreus), 5 – Epístolas gerais, Apocalipse.

Demais disciplinas auxiliares

Teologia Histórica

O desenvolvimento histórico das doutrinas cristãs e sua influência na trajetória da igreja. Ela apresenta a construção dos conceitos teológicos, dos ensinamentos e credos eclesiais e ainda perpassa a própria história da Teologia e da dogmática. Inclui o estudo da Patrística, Escolástica, história do Dogma, história da Teologia protestante etc.

Teologia Sistemática (ou dogmática)

Arranja sistematicamente as doutrinas e ensinamentos numa ordem lógica para facilitar seu entendimento. Nela estão presentes as doutrinas (que alguns chamam de dogmas) e a apologética que é a defesa racional da fé. Alguns acrescentam na sistemática a área de Teologia e Filosofia.

Teologia Prática (aplicada)

Teologia Prática (ou aplicada) – Trata-se da aplicação das conclusões bíblicas, sistemáticas e históricas às necessidades básicas do dia a dia da igreja. Inclui estudos como pregação Bíblica, administração eclesial, visita pastoral, aconselhamento, liturgia etc.

É importante, porém anotar que nenhuma dessas áreas podem ser estudadas prescindindo-se das demais. Uma tem de pressupor a outra, caso contrário o entendimento não ficará completo.

Alguns indagam por que é necessário dividir deste modo o conhecimento das verdades de Deus? Ou seja, qual a necessidade de se sistematizar a Teologia? Por várias razões:

Razão 1: A Bíblia não é um livro originalmente sistematizado. Cada autor inspirado produziu sua obra num determinado tempo ou local, não tendo na maioria das vezes, nenhum contato com seus pares proféticos.

Razão 2: Os livros da Bíblia, embora inspirados e válidos para o nosso tempo, foram num primeiro momento escritos para um contexto específico da história com propósitos bem definidos. Logo, precisamos interpretá-los à luz de seu tempo para, somente depois, extrair a mensagem que têm para nós que vivemos milênios distantes daqueles acontecimentos.

Razão 3: As verdades Bíblicas nem sempre são encontradas num único autor ou livro, muito menos num único versículo. A Bíblia deve ser estudada em conjunto com um autor pressupondo ou complementando o outro.

Razão 4: As doutrinas foram dadas a pessoas pensantes e essa é uma faculdade outorgada pelo próprio criador. Mentes pensantes geralmente precisam organizar suas ideias a fim de compreendê-las melhor. Daí a necessidade da sistematização teológica.

Razão 5: Finalmente, a sistematização teológica provê uma melhor didática para o ensino dos crentes e testemunhos dos eruditos não crentes.

Todos esses tópicos, no entanto, não cobrem tudo àquilo que Deus pode nos revelar. A Palavra divina é vida e não se esgota com o que o Senhor revelou aos seus profetas, sua dimensão é infinita: “Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus” (Heb 11:3).

As divisões da Teologia são apenas um método facilitador do ensino e da aprendizagem. Eles não constituem um fim em si mesmo, nem esquecem que a compreensão das verdades de Deus chega, em última instância, por um ato de sua benevolência. O Espírito do Altíssimo adentra o intelecto e o sentimento dos seres, impactando-os com maravilhosos mistérios acerca de sua pessoa, suas atividades, seu amor pela humanidade.

Uma grade sugestiva de disciplinas menores vinculadas a cada uma destas quatro grandes divisões poderia ser assim representada:

1 - Teologia Bíblica (ou Exegética): estudos bíblicos (análise dos conteúdos da Bíblia Sagrada livro por livro):

Antigo Testamento - Pentateuco, Livros Históricos, Livros Poéticos, Livros Proféticos (profetas maiores e menores).

Novo Testamento: Evangelhos (Sinóticos e João), Atos, Epístolas Paulinas + Hebreus, Epístolas Gerais (ou católicas), Apocalipse.

Introdução Geral ao Texto Bíblico - Como surgiu a Bíblia, História das Traduções, História do cânon, Revelação e Inspiração, Métodos de Leitura da Bíblia, Alta Crítica e Baixa Crítica. Línguas: hebraico, aramaico e grego. Livros apócrifos e pseudoepígrafos. Arqueologia. Hermenêutica (Exegese).

2 - Teologia Histórica:

Período Patrístico (séculos 1 ao 8) : Pais ante-nicenos (1º ao 3º **séculos**), Pais nicenos (4º **século**), Pais pós-nicenos (5º ao 8º **séculos**), Idade Média – escolástica (séculos 8 a 16), Reforma e Contrarreforma (séculos 16 ao 18), Período Moderno (séculos 18 a 20): iluminismo e liberalismo teológico (século 18), Era dos grandes reavivamentos (séculos 18 e 19), neortodoxia (século 20), período contemporâneo (séculos 20 a 21).

3 – Teologia Sistemática (Dogmática)

- **Teologia Fundamental ou Doutrina de Deus:** a existência de Deus, os atributos de Deus, teologia da Revelação, a Trindade, a criação, a providência divina.
- **Doutrina de Cristo ou Cristologia:** a Natureza divino-humana de Jesus (União Hipostática), a Divindade de Jesus, a Humanidade de Jesus, a encarnação, a Revelação de Deus, vida e ensinamentos, a morte expiatória, a ressurreição e ascensão, a intercessão em nosso favor, a parousia, a posição como cabeça de todas as coisas.
- **Doutrina do Espírito ou Pneumatologia:** divindade do Espírito Santo, personalidade do Espírito Santo, o Espírito Santo no Antigo Testamento, o Espírito Santo no Novo Testamento, a obra do Espírito Santo, o fruto do Espírito, o Batismo com o Espírito, o dom de Línguas, distribuição de dons, a habitação do Espírito Santo, pecado contra o Espírito Santo.

- **Doutrina do Homem ou antropologia Teológica:** a natureza do homem, pecado, criação do homem e a Imago Dei (Imagem de Deus).
- **Doutrina dos Anjos ou angelologia:** sua função junto aos homens, natureza dos anjos, espíritos ministradores, anjos de luz e anjos caídos, a queda de Lúcifer do céu.
- **Doutrina da Salvação ou Soteriologia:** justificação, santificação, glorificação, fé e obras, intercessão de Cristo no Céu.
- **Doutrina da Igreja ou Eclesiologia:** (alguns manuais trazem a eclesiologia dentro da área de Teologia Aplicada): inclusivismo, exclusivismo ou pluralismo religioso? Formas de Governo, crises históricas, igreja e salvação, papel social, fundada por Cristo ou pelos Apóstolos? Igreja visível e invisível, igreja e sociedade.
- **Doutrina das últimas coisas ou Escatologia:** escatologia individual – o que acontece com o homem depois da morte e escatologia geral – os últimos acontecimentos antes do juízo final.
- **Teologia e Filosofia:** filosofia hebraica, filosofia grega, neoplatonismo, neoaristotelismo, Deus e a filosofia moderna.
- **Apologética ou defesa racional da fé (extramuros – para lidar com questionamentos vindos de fora do cristianismo):** argumentos racionais para a existência de Deus, criação *versus* evolução, ciência e religião, milagres, fé e razão.
- **pologética intramuros** – para lidar com questionamentos vindos de dentro do cristianismo. Movimentos históricos controversos – Alogoi, arrianismo, donatismo, ebionismo, gnosticismo, maniqueísmo, marcionismo, sabelianismo e heresiologia. (Conceito de seita, Conceito de ortodoxia, Movimentos religiosos contemporâneos – Mórmons, Testemunhas de Jeová, Movimentos ocultistas etc.).

4 – Teologia Aplicada ou Pastoral

Teologia Moral ou Ética Cristã, liturgia (batismo, santa ceia, ritos eclesiais e ordem de culto). Homilética, Educação Cristã, Aconselhamento, Missiologia, Administração Eclesiástica, Lar e família, Ecumenismo e diálogo religioso, Sociologia da Religião e Psicologia da Religião.

A Teologia se origina na Bíblia, porém estuda mais do que a Bíblia apenas, ela se vale da História, da Filosofia, da Ética, da Sociologia, enfim, de várias outras áreas que possam ampliar sua compreensão. As sistematizações poderão variar conforme o credo ou sistema doutrinário do Teólogo que as formula.

Reconhece-se que conquanto a Bíblia seja a fonte por excelência das doutrinas do cristianismo, existem verdades presentes em outras fontes do saber (a ciência, por exemplo) e que não são encontradas na Palavra de Deus. Logo, a Bíblia não é a única fonte de verdades a serem pesquisadas. Os profetas, por exemplo, nada dizem acerca das leis descobertas por Newton ou sobre a Teoria da Relatividade sistematizada por Einstein. Não obstante, estas são verdades incontestáveis descobertas pelo homem, mesmo que não constituam uma doutrina do cristianismo.

Assim, pode-se concluir que toda doutrina tem de ser verdadeira, mas nem toda verdade necessita ser doutrinária. Mas não se pode esquecer que toda verdade pertence a Deus, não importa a fonte de onde ela proceda.

Métodos Teológicos

Com frequência, alguns estudantes de nível superior cometem dois erros em relação ao método empregado em sua pesquisa, o ignoram ou o confunde com um termo muito parecido, a Metodologia, a mesma confusão pode ser vista até em alguns livros sobre métodos de investigação.

Karl Larenz, (1997) escreveu um clássico em metodologia jurídica que se tornou referencial para muitas áreas, inclusive a Teologia. Ele defende com afincos a importância do método em uma pesquisa ao dizer que determinada ciência só é ciência “porque desenvolveu métodos que apontam para um conhecimento racionalmente comprovável”.

Por isso é importante que o estudante/pesquisador tenha claro em sua mente que método estará usando ao construir seu pensamento teológico a respeito de determinado assunto. Lembrando que o método é distinto da metodologia.

A diferença é simples, podemos dizer que o Método é o caminho que se escolherá para fazer uma pesquisa, ou seja, “o programa que antecipadamente regulará uma sequência de operações a executar, com vista a atingir certo resultado; maneira ordenada de fazer as coisas”. (VILELA, 1995).

Metodologia é mais um princípio filosófico de “como” se andar por esse caminho. Ela é “um conjunto de regras ou princípios empregados no ensino de uma ciência ou arte; parte da lógica que estuda os métodos das diversas ciências”. Em suma, o método é a escolha do caminho. Por isso Maxwell, (2005) enfatiza a metodologia como sendo o estudo dos métodos de pesquisa, um trata da estratégia o outro do conhecimento.

Breve História do Método Teológico

Após a produção dos últimos livros inspirados da Bíblia a igreja patrística que daí se seguiu caracterizava-se basicamente pelo que se chama em latim *lectio divina*. Ou seja, todos refletiam de modo doutrinário e contemplativo sobre a Palavra de Deus, para dali tirarem todos os conceitos de verdade, ética, salvação e vida comunitária. Para eles a história era um contínuo salvífico de Deus rumo à grande vinda de Cristo em vista da qual todos viviam e trabalhavam. Eles eram pobres e perseguidos. Não possuíam propriedades e nem mesmo cogitavam o que seria uma Faculdade de Teologia.

Sua reflexão, portanto, se centrava nas igrejas reunidas ainda timidamente em casas de irmãos ou em pequenos cômodos doados por membros, muitos dos quais já martirizados. A ciência secular era pensada a partir da fé, e se estavam em confronto sobre determinado ponto, a Palavra Revelada deveria ter a primazia.

Os encontros com a filosofia grega, a crise do movimento montanista e a pseudoconversão de Constantino (todos nesta ordem), modificaram tremendamente a paisagem. Assim, a teologia que adentra os limites da Idade Média já não é tanto bíblica e eclesial, mas escolástica e aristotélica. Troca-se *lectio divina* pela *ratio theologica*. Seu local básico de reflexão deixa de serem as humildes igrejas domésticas para transferir-se às famosas escolas universais (*Universitas Scientiarum*), estabelecidas ao lado de grandes catedrais de ouro, estas escolas marcaram em definitivo, o rompimento entre este cristianismo medieval e aquele primeiro fundado por Cristo.

A Bíblia, neste tempo tornara-se quase um livro morto de conteúdo desconhecido, o estudo dominante eram as famosas Sumas Teológicas e os Comentários sobre as sentenças de outros autores. Nas universidades de Paris e Oxford, a teologia começa a desenvolver seus primeiros programas doutorais marcados por produções e defesas de teses chamadas *quaestio et disputatio* (perguntas e disputas). Seu peso, contudo, já não estava na Palavra Revelada de Deus, mas nos autores (*auctoritates*) que julgavam mostrar a coerência da fé de modo mais claro e menos obscuro que a Bíblia, cujo conteúdo somente eles arvoravam poder compreender sem caírem nos laços da loucura.

O resultado desta visão racional da Idade Média foi um desastroso rompimento entre a ciência e a fé, culminando na quase aniquilação da primeira uma vez que os governantes dominados pelo poder papal condenavam como bruxaria qualquer avanço que se pretendesse dar em sua direção. O que encontramos na Idade Moderna é uma profunda e compreensível revolta contra a Igreja e o poder monárquico. Abafado desde longo tempo, o grito populacional explode finalmente golpeando o catolicismo na Reforma Protestante e na Revolução Francesa no fim do século XVIII.

Mas os dois movimentos, Protestantismo e Revolução, também eram antagônicos, de modo que a teologia nascida dos reformadores precisa duelar agora com o humanismo. Temendo o comportamento dogmático-apologético do qual ela mesma se libertara ao sair do catolicismo, a Reforma optou por ser absorvida pela modernidade sem crivar nenhum de seus novos arrazoados intelectivos. Em virtude disso, surge, então, o famoso Iluminismo Alemão (*Aufklärung*) cuja principal contribuição foi criar uma frustrada "jesulogia" liberal, que nada mais era do que o advento daqueles exercícios racionais do escolasticismo, vistos agora sob o manto de uma roupagem modernizada e mais sofisticada.

Nesse novo quadro, enquanto ciência, a Teologia se portava como pouco mais que mera teodiceia e a fé era dominada pela especulação da filosofia hegeliana que então determinava os modos de compreensão da Palavra de Deus. O Resultado disso foi que milagres deixaram de ocorrer, a ressurreição deixou de ser histórica e o Pentateuco deixou de ser Mosaico. Enfim, o trabalho de Lutero e seus companheiros estavam terrivelmente interrompidos. O objetivo da teologia seguinte: continuar a Reforma a partir do ponto em que foi estagnada.

Relevância do Método

E qual a importância do método para a teologia? Tanto ele quanto a metodologia são essenciais à reflexão religiosa. Primeiro que, sem uma ordem lógica, organizada, não se pode chegar à verdade dos fatos. Segundo, só a ordem, pela ordem, não basta. O exercício tem de ser processual e isso envolve um modo de pensar, um raciocínio consciente do que se está fazendo e aonde pretende chegar com aquele exercício.

Não se alcança o Norte indo para o Sul. Não dá para buscar o conhecimento de Deus, andando por um caminho em que ele mais provavelmente não exista. Nisto, alguns sugerem que muitas metodologias teológicas podem ocultar um ateísmo teórico, ou seja, uma situação em que o pesquisador afirma a priori que Deus existe, mas age e procede como se ele não existisse.

Você está diversas vezes sendo lembrado que o fundamento metodológico de todo teólogo cristão deverá ser a Bíblia. No entanto, deve ser admitido que dentro da Teologia possam haver diferentes métodos. Isso significa que um mesmo fundamento pode pressupor diferentes caminhos para chegar a um mesmo objetivo.

Isso não significa um endosso do velho adágio (sentença) “todos os caminhos levam a Deus”. Contudo, é possível que na busca para conhecer o que Deus diz a respeito de alguma coisa, um pode adotar um método dedutivo, outro um método indutivo, a intertextualidade, a análise do discurso, o gramático histórico. É lógico, porém, que alguns métodos se contrapõem à metodologia adotada pelo pesquisador e aqui é o momento de se perceber se não está havendo uma incoerência filosófica em sua pesquisa.

O **Método Crítico Histórico**, por exemplo, parte do pressuposto de que a Bíblia não deve ser estudada como Palavra de Deus, mas como um livro comum, fruto de uma cultura maior que a produziu, em outras palavras, um livro 100% humano. Ora se o teólogo diz crer na inspiração de Deus aos apóstolos e não quer abrir mão disso, deve questionar se o Método Crítico Histórico é o melhor caminho para conduzi-lo à certeza de que a Bíblia é, de fato, a Palavra de Deus.

Uma confissão de fé assumida por cada teólogo determinará em grande parte, qual o seu ponto de vista sobre determinado assunto, mesmo levando em conta que o aprofundamento da Teologia implica não em negar, mas em ir além de uma confissão. Caso contrário, o sujeito já vai viciado, predisposto a encontrar o que ele quer encontrar e não necessariamente aquilo que as evidências realmente dizem.

A confissão de fé do indivíduo atende com propriedade uma determinada comunidade teológica, ao passo que o aprofundamento na Teologia requer atender anseios que ultrapassam os limites de uma única religião. São anseios antes de tudo bem humanos ou que foram postos pela sociedade forjada por um momento preciso da história. Cada momento, portanto, precisa ser contextualizado e isso se chama inculturação teológica.

Em termos de método, o teólogo pode fazer perguntas e assumir reflexões que não estão na Bíblia, mas se valem dela para sua sistematização racional. Por exemplo: Como ocorre o fenômeno da inspiração de um profeta? Como devo reagir hoje ao recebimento de uma profecia?

O método em geral deve começar pela detecção, isto é, encontrar as verdadeiras perguntas que se pretende responder. Desde Einstein, acreditava-se que saber formular bem o problema é algo talvez mais importante que encontrar as soluções, pois sem essa formulação clara e objetiva, as respostas ficam vagas e não servem para nada. A questão do método não pode ser desvinculada da arte de perguntar com clareza.

Nisto, sugerem-se quatro passos metodológicos que não podem ser ignorados:

1	O Teólogo precisa ter a capacidade de formular e propor problemas reais, passíveis de serem investigados por pelo menos um dos diferentes métodos de pesquisa.
2	Ele deve elencar as possíveis hipóteses para aquele problema e colocá-las à prova diante das evidências disponíveis
3	Precisa compreender não apenas os resultados, mas ter bem claro quais foram os processos da própria pesquisa.
4	Tornar claro para os demais o caminho percorrido a fim de que outros também possam percorrê-lo examinando se chegarão aos mesmos resultados ou encontrarão elementos diferentes dos originalmente propostos

Qualquer aproximação das verdades de Deus reflete, em última instância, uma aproximação de sua própria pessoa, condição essa que deveria nos inspirar uma constante reverência. Conforme dito no Salmo (40:4 e 139:6): "São muitas, Senhor, Deus meu, as maravilhas que tens operado e também os teus desígnios para conosco, ninguém há que se possa igualar contigo. Eu quisera anunciá-los e deles falar, mas são mais do que se pode contar". "Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; é, sobretudo elevado, não o posso atingir."

Avance com foco no aprendizado

Vídeo unidade III





4

NATUREZA DA TEOLOGIA

CONHECIMENTOS

Conhecer o estudo teológico como um método de natureza única e os riscos que o teólogo poderá criar através de suas próprias ideias.

HABILIDADES

Identificar os diversos pensamentos da Teologia na perspectiva a partir da Bíblia e reconhecê-la como um elemento relevante para a sociedade.

ATITUDE

Posicionar-se criticamente em relação às doutrinas da Bíblia.

Métodos de natureza única

Tanto a Teologia quanto seus métodos têm uma natureza única que é só deles e de nenhuma outra forma de saber. Pressupõem fé, oração e experiências pessoais ou coletivas com Deus que não são próprias das demais áreas do conhecimento. Alguns pensadores entendem essa natureza própria da Teologia como metafísica procedente de uma perspectiva transcendental. Outros, por sua vez, confundem transcendência e verificabilidade com improbabilidade e concluem que a Teologia é baseada nos mitos, o que não é aceito por todos.

O estudo da Teologia cristã deve partir da Bíblia, mas não esquecendo que também há outras fontes de verdade que não são doutrinárias. Outra conclusão importante é que o estudo teológico precisa ser expandido para cobrir a investigação e sistematização das crenças, conforme sua compreensão ao longo dos anos.

Considere, contudo, que não se trata de uma evolução linear da compreensão teológica, partindo dos mais primitivos para os mais sofisticados. Embora seja verdade que o apóstolo Paulo tinha mais informações sobre o Messias que o rei Davi, não se pode dar o caso de achamos que estamos dispensados do texto porque Temos mais verdades reveladas do que eles tiveram em seu tempo. Além disso, é importante anotar que houve momentos na história em que verdades bíblicas foram abandonadas, e outras resgatadas, redescobertas ou finalmente compreendidas. O ideal da fé só será experimentado na eternidade.

Em suma:

- Deus é a fonte, o sujeito revelador e o objetivo da Teologia. Ou como diziam os latinos "A Deo. De Deo. In Deum" (A Deus, de Deus e em Deus).
- O ser humano é convidado a investigar as coisas de Deus, mas mantendo a consciência de que, sem o papel revelador de Cristo, sua mente pouco ou nada poderia alcançar das verdades divinas. Sobre essa revelação deve repousar a estrutura teológica das doutrinas sistematizadas pelo cristianismo.
- A fonte inspirada de doutrinas é, de fato, a Bíblia. Mas é na comunidade de fé que a teologia é feita. Sob a guia e supervisão do Espírito Santo, essas verdades são conservadas através dos tempos, mesmo que haja um desvio dos ensinamentos bíblicos, pois Deus pode agir através de um povo remanescente.

- A Teologia, embora conservadora em seus princípios básicos, não pode prescindir de dialogar com a cultura contemporânea em meio à qual está inserida. Seus valores, pressupostos e elementos que podem ou não ser negociados têm de ser vistos na relação com o pensamento vigente na atualidade.
- A Teologia é, finalmente, um saber histórico e que se baseia em fatos históricos. A doutrina parte de eventos reais que são por sua vez reveladores de verdades divinas. Exemplo: a realidade histórica da vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré.

Em que sentido, pois, a Teologia se torna um elemento relevante para a sociedade? A partir do momento em que ela cumpre seu papel de tornar as coisas de Deus (e a própria pessoa de Deus) mais facilmente compreendidas ao ser humano em sua própria condição cultural. E não somente isso. Ela também deverá ter um elemento de apelo ao sagrado, de levar as pessoas a compreenderem e, principalmente, desejarem o sagrado. No dizer de Agostinho, “fizeste-nos para ti e o nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso”. (*CONFISSÕES*, I, 1, 1).

Embora a Teologia seja um discurso sobre Deus, deve-se entender que esse “discurso” não é meramente cognitivo. Afinal, o termo grego *logos* que completa a etimologia da palavra, nos remete ao prólogo do Evangelho de João, onde o Logos, com L maiúsculo, é um ser divino pessoal que habita no meio dos homens (JO, 1:1-2).

Assim mais do que uma mera comunicação de dados sobre Deus, a Teologia se torna um testemunho vivo de um pensador e sua relação com o Senhor. A beleza de tal exercício está em que um Deus incognoscível se torna conhecido por meio de sua revelação e graça a seres finitos, presos num contexto de pecado. A Teologia garante que podemos conhecer a Deus.

Existem no Novo Testamento duas importantes palavras gregas para designar a ação de conhecer algo ou alguém. A primeira é *oida* que enfatiza o conhecimento factual, conceitual e a segunda é *ginosko* que enfatiza o conhecimento pessoal e experiencial. Assim, o objetivo último de nosso conhecimento teológico (*oida*) é experimentar (*ginosko*) a presença de Deus em nossa existência.

Disse Paulo: “deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo” (FIL. 3:8.)

Biblicamente, percebe-se que a revelação traz três importantes aspectos de Deus que deixaram sua marca na história:

1 - Deus como um ser pessoal, com atributos, natureza própria, características, vontades etc.

2 - Deus como ser ativo, com ações testemunháveis através dos tempos e que revelam muito de seu caráter.

3 - Deus como ser relacional, o Deus da Aliança, o Deus da promessa, de quem precisamos e cuja presença tanto ansiamos.

Não se pode esquecer, contudo, que embora a teologia concentre-se na relação universal de todas as coisas é importante não incorrer no erro de achar que o contrário pode ser proporcional ao primeiro, ou seja, as coisas se relacionam com Deus do mesmo modo que Deus se relaciona com elas.

Deus é uma representatividade de amor e deseja que todos estejam perto de si, em sua natureza é autoexistente e autossuficiente, não precisa de ninguém para dar-lhe a vida ou atribuir significado à sua existência.

Wells, (1994) afirma que a Teologia envolve o cultivo das virtudes que constituem uma sabedoria de fins duradouros. Sua conclusão é que a Teologia deve sem reservas, nos conduzir a uma espiritualidade concentrada no sagrado, pois gravita em torno de Deus que é santo. Tal santidade por sua vez remete a uma atividade prática, vista não como uma técnica primária, mas como uma questão de verdade em lugar de falsidade. Não existe fé que não se evidencie senão por obras (TIAGO, 2:14-17).

Riscos para quem faz teologia

A Teologia poderá por uma grande ênfase nos sistemas lógicos de raciocínio a fim de facilitar o entendimento das doutrinas. Mas aqui existe um perigo: enquanto a doutrina se forma a partir das Escrituras, o Teólogo pode incorrer no risco de criar seu próprio sistema lógico, à parte da fundamentação bíblica, e refletir a partir dele para somente depois procurar artificialmente na Bíblia um suporte para suas próprias ideias.

A Teologia pode e deve organizar os temas da maneira mais apropriada para facilitar a aproximação intelectual da Palavra de Deus. Mas a revelação e não o

raciocínio humano é que deve vir em primeiro plano. Do contrário, o estudante não estará fazendo uma Teologia, mas sim desenvolvendo um estudo filosófico de Deus ou uma **Teodiceia**.

Outro perigo neste mesmo sentido é o de se modelar uma Teologia excessivamente personalizada. O que significa isso? Criar uma imagem de Deus não de acordo com a Revelação que ele faz de si mesmo, mas de acordo com o gosto pessoal de cada pesquisador.

Mesmo que a modernidade antirreligiosa fale tanto em “pensamento livre” e descreva os mais racionais como “**livres-pensadores**”, a verdade é que nenhum intelectual consegue se livrar completamente de sua própria cosmovisão no momento de refletir sobre alguma temática. Todos têm códigos de valores, preferências, nosso modo pessoal de encarar as coisas. E isso não é necessariamente ruim. A ênfase que se dá a esse individualismo é que pode ser o divisor d’águas entre a autonomia e a paranoia.

Pensamento livre é um conceito filosófico segundo o qual a verdade deve ser buscada a partir da lógica, da razão e do empirismo deixando de lado a autoridade, a tradição e os dogmas ou doutrinas religiosas. Seus praticantes, os livres pensadores iniciaram o movimento no século XVII para indicar pessoas que questionavam abertamente as bases do saber religioso e das orientações teológicas.

Sempre que um teólogo desenvolve seu raciocínio e o apresenta diante de um público (seja através de palestra, livro ou vídeo) ele não pode se dar ao luxo de ser atemporal ou descontextualizado de sua própria realidade. Sempre raciocinamos dentro de um arcabouço de ideias mais comuns ao nosso tempo. A Teologia não pode, absolutamente, prescindir desta realidade. Existe um elemento humano que traz consigo uma pré-compreensão de si mesmo e do mundo que nele habita.

É isso que marca a singularidade presente na razão humana: a impossibilidade de abdicarmos por completo de nosso contexto imediato. A solução reside não em negar esta realidade, mas admitir constantemente que a história será sempre maior que o momento atual em que vivemos. O universo é maior que nosso mundo e a eternidade maior que nosso instante. Deus, portanto, será sempre maior do que nós e, por mais óbvio que pareça o conceito, uma Teologia, para ser válida, deve deixar Deus ser Deus!

Schelling (apud DALE, 1996: 64) dizia:

Aquele que não sente nem reconhece nada real fora de si mesmo - que vive apenas em seus conceitos e joga com conceitos - aquele que toma sua própria existência como nada mais que um pensamento sem vida – como pode tal sujeito falar acerca da realidade?

Se ponderada estas palavras humildemente, haverá um reconhecimento de que regras não podem ser ditadas, descobrimos as verdades, fechamos as questões. Deus em si mesmo se basta, mas por alguma razão resolveu contar com o homem não porque precise dele, Deus age mais a despeito dele e de suas imperfeições. Neste sentido, um dos grandes perigos para o teólogo em qualquer tempo é a tentação de achar que ele é um “doutor” em divindade, um *expert* em Deus pior ainda, quando alguns agem como se fossem o próprio Deus – embora jamais admitam isso!

Aliás, uma das grandes questões da Teologia moderna são suas reais relações com a cultura local. A religião faz a cultura ou é moldada por ela? Até que ponto podemos traçar um diálogo lúcido entre contexto e reflexão? Podemos, afinal, saber se Deus existe e quem, de fato, ele é? Ou estamos apenas refletindo o mundo ao nosso redor?

Por mais de 2.500 anos, críticos da fé repetem a afirmação atribuída a Xenófones segundo a qual “se os cavalos tivessem deuses, eles seriam cavalos também”. Seria, portanto, o nosso Deus um produto de nosso pensamento e um reflexo de nosso ser?

Para responder a essas perguntas, não há necessidade de um discurso negativo ou apofático, conforme aquele que aparece nos escritos de Parmênides e Platão e que se tornou uma das formas mais privilegiadas de exposição teológica da Igreja Oriental e também de alguns autores escolásticos a partir do século XVIII. Segundo essa visão, Deus é um ser tão grande, imenso e distante que, no dizer de Tomás de Aquino: “a Teologia não sabe o que Deus é e sim o que ele não é” (*Summa Theologica* I q. 3 prol.). Tal conclusão, se levada a extremo, tende a destruir as verdades que Deus revelou de si mesmo. Ela praticamente rejeita qualquer comunicação efetiva entre Criador e criatura. Por outro lado, porém, não se pode igualmente cair na descrição catafática de Deus. Ela é, precisamente, o oposto do discurso apofático, pois acentua uma descrição tão equiparada da divindade em relação à sua Criação, que Altíssimo passa a ser aquilo que a natureza é. Alguns escritores ocidentais

chegaram ao extremo de entender que se um Pai precisa de uma Mãe para gerar um filho, Deus, igualmente teria de ter uma esposa.

Os discursos apofático e catafático podem até ser complementares, se por um lado a Bíblia faz referência a um “mistério oculto desde as longas eras” (COL 1:26) também fala do “Emanuel, o Deus conosco” (IS, 7:14 E MAT,1:18). Mesmo sem um conhecimento doutrinário, algumas verdades acerca de Deus (sua existência e sua divindade, por exemplo) podem ser reconhecidas até mesmo por meio das coisas criadas (ROM 1:20). A aproximação de sua pessoa, devido à sua imensidão infinita, trará mais perguntas do que respostas.

Isso significa abortar a ideia ou o sentimento de se relacionar com um Deus pessoal? De maneira alguma. O problema não é o sentimento em si, mas a ênfase que se dá sobre ele. No caso da teologia, corre-se o sério risco de fazer da própria individualidade a fonte de conclusões teológicas ou até mesmo doutrinárias. É muito comum, por exemplo, nesta época de pós-modernidade religiosos com frases pessoais do tipo: “Meu Deus é um Deus de amor”, “o Deus que eu acredito não aceita tal comportamento”.

É perfeitamente recomendável que os crentes tenham um relacionamento pessoal com Deus. Contudo, Packer, (1993) adverte a exagerada ênfase num Deus pessoal pode levar a uma quebra do segundo mandamento do decálogo, ao criar um ídolo para si e cultuá-lo no lugar do verdadeiro Deus. Um pensamento excessivamente livre e pessoal é capaz de imaginar Deus não como a Bíblia o revela, mas como o próprio indivíduo gostaria que ele fosse.

E o grande drama da idolatria, não há um sentimento de que adorador, moralmente é melhor que os deuses. “Esta é, de fato, uma forma teológica de manter o indivíduo ignorante de Deus e torná-lo um idólatra”. (PACKER, 1993)

Outro problema sério da teologia individualista é seu desapego à noção de pertença. Isso será trabalhado mais detalhadamente na matéria de Ecclesiologia. Por ora, é preciso lembrar é na Igreja que as teologias individuais se encontram e tomam forma inteligível.

O apóstolo Paulo já citava com ênfase o adágio que dizia: “Eu cri, é por isso que falei” (II COR, 4:13). Crer e proclamar são faces de uma mesma moeda. Uma coisa não existe sem a outra. É impossível crer de fato e ficar calado. Assim, a Teologia não pode se tornar um saber avulso, fechado em si mesmo. Houve um tempo em que os grandes inventores dominavam o mundo das patentes. Assim era possível responder com precisão quem foi o inventor do Telefone, do Telégrafo, da Lâmpada ou do Para-raios.

Hoje, é praticamente impossível saber quem inventou o Ipad, a fibra ótica, o Bluetooth. 3. A razão é muito simples: não foi uma única pessoa, mas um grupo de profissionais, cada um contribuindo com sua especialidade. Tal realidade deveria servir de modelo corretor para aquele que insiste em ser um teólogo isolado de seus pares e da comunidade de crentes. A reflexão sobre Deus pode e deve ser pessoal, mas seus resultados têm de ser coletivos e esta coletividade se dá no organismo chamado Igreja.

O já citado Karl Barth lembrava que o que importa nos tratados teológicos é lembrar que a ação de refletir sobre Deus levará o autor para além de si mesmo. A partir disto, a vida deste indivíduo será uma forma incorporada de seu próprio discurso teológico que os latinos chamavam de *divinitate sermo* (discurso sobre Deus). Isto é, a Teologia deve tornar-nos sermões vivos e juntos tornaremos a igreja uma forma de comunicação das verdades divinas, não apenas naquilo que dizemos acerca do Senhor, mas também e principalmente, naquilo que se pratica em seu nome.

Um último, porém não menos importante desafio teológico é fechar a brecha entre espiritualidade e Teologia acadêmica (MCINTOSH, 1998). A Teologia sem um viés acadêmico pode incorrer num erro metodológico, de tornar-se um conjunto de argumentos **pueris** recheados de fanatismo e pouca razoabilidade. Porém, um tipo de “enervação e desencantamento” será o resultado óbvio de uma investigação teológica separada de suas fontes na experiência vivida. Teologia separada de espiritualidade pode não só perder o contato com importantes fontes de reflexão, como também perder as habilidades apropriadas de discursar sobre as doutrinas do cristianismo – concebidas não simplesmente como proposições para análise, mas como mistérios vivos a ser encontrados (MCINTOSH, 1998).

Isso não significa que o teólogo deva pretender que os problemas não existam muito menos escondê-los. Não se dá também o caso de achar que já foram esgotadas todas as verdades que a Bíblia tem a oferecer ou que não existam pontos que podem eventualmente serem corrigidos, ampliados, adaptados. É lógico que há verdades que são saberes irreduzíveis, a existência divina, por exemplo, ou a

ressurreição de Cristo não está na pauta de discussões a menos que se queira abrir mão da própria existência do cristianismo. Mas isso não nega o fato de que mesmo a Teologia ainda é um saber em construção.

Paul Tillich, (2004) certa vez advertiu contra a tentativa de preencher lacunas lógicas com elementos devocionais. Contudo, a verdadeira espiritualidade jamais fará isso, pelo contrário, ela evoca uma honestidade de fé acerca de mistérios que devem ser sempre estudados, embora nunca sejam plenamente conhecidos por serem insondáveis.

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! (...) vos seja possível, em união com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade dessa fraternidade (EF 3:18; Rom 11:33).

Acadêmicos cristãos devem fazer teologia de um modo racional e sistemático, contudo, sem nunca perder de vista os limites de sua própria investigação. Não é uma proposta bíblica que podemos, por meio do exercício contínuo, eliminar toda e qualquer dificuldade que apareça. Como dizia Isaías, 55:9: “assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos e meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos”.

O que faz, pois, uma teologia ser correta ou errada? Temos como emitir juízo de valores sobre isso? Ou a questão é de fórum íntimo?

Em termos de verdade doutrinária, não se pode dizer que algo é ou não ao mesmo tempo. Isso seria um erro, ou como dizem os filósofos um *reductio ad absurdum*, uma expressão latina para a ideia de “redução ao absurdo”. Ela se vale do princípio da não contradição, em que uma coisa não pode ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo.

Quando um teólogo afirma uma coisa em oposição ao que diz outro teólogo, pode até dar o caso de ambos estarem equivocados, mas não de ambos estarem corretos. Se um diz que o correto é batizar-se por imersão e o outro afirma que é por

aspersão, no mínimo, um deles está errado em sua conclusão. Ou então o próprio Deus seria dúbio – o que não faz sentido.

Contudo, se estamos falando em termos teológicos, podemos ser um pouco mais abrangentes sem precisar entrar muito em detalhes. O ponto que nos interessa aqui ainda é metodológico. Quais seriam as características de uma teologia que se possa definir, no mínimo, como sensata, lógica ou coerente?

Em primeiro lugar, ela precisa ser consistente em sua argumentação. O que isso significa? Ora a Teologia tem uma natureza própria assim como cada área do saber tem uma abordagem que lhe é peculiar. Por exemplo, métodos laboratoriais dificilmente ajudarão numa análise psicológica, do mesmo modo que os princípios freudianos dificilmente contribuirão para estabelecer o comportamento de uma bactéria frente ao aquecimento global. São pesquisas de natureza completamente diferente uma da outra.

Pressupostos materialistas ou reducionistas que partem da negação de Deus e da realidade espiritual não terão nada a dizer numa investigação teológica sobre qualquer assunto que seja. Tentar explicar, através da ciência, como foi que Jesus andou sobre as águas ou como foi que ele curou um cego de nascença é perder tempo e cair em especulações.

Em segundo, a teologia que cada um assume precisa ser coerente com os marcos da fé adotados pelo proponente. Nisto é importante que o pesquisador tenha em mente o que é ou não doutrina dentro de seu sistema de crenças. Para evangélicos tradicionais e renovados, é possível que haja certa disputa sobre coisas menores do tipo: a identidade do autor de Hebreus ou a filiação dos chamados “irmãos de Jesus” – seriam eles primos de Cristo? Filhos de Maria e José? Filhos somente de José, mas não de Maria?

Já assuntos mais centralizados como a divindade de Jesus, a salvação pela graça mediante a fé, não podem estar na mesa de discussões a menos que o proponente decida romper com o sistema teológico maior ao qual ele pertence. Não se pode ser católico negando a intercessão de Maria nem protestante assumindo a veneração dos santos.

Em terceiro e último lugar a Teologia tem de apresentar frutos práticos de sua reflexão. Jesus disse que uma árvore é reconhecida pelos frutos que produz (LUC 6:44) e isso também se dá com a reflexão teológica de cada um.

Tanto o evangelho de Marcos, (11:12-25), quanto Mateus 21:18-22 falam de estranho gesto de Cristo, quando ele vê uma figueira cheia de folhas e a amaldiçoa. Em que pesem as discussões mais detalhadas sobre o significado desta passagem, o fato é que Jesus amaldiçoou a figueira não porque ela não tinha fruto, mas porque aparentava ter, quando não tinha e isso confundia as pessoas.

O símbolo está claro: ele se referia aos líderes de Israel. Contudo, numa aplicação mais estendida, pode-se dizer que a lição serve também para o cristão de hoje em sua reflexão de fé. Qualquer ensino, por exemplo, sobre salvação que não comece transformando a vida do próprio indivíduo esse não é um ensino bíblico e, portanto, não é uma teologia recomendável.

Um antigo debate – erroneamente aplicado aos teólogos da idade Média – surgiu no mundo religioso com o fim de descobrir quantos anjos poderiam dançar na cabeça de um alfinete (outras versões, na ponta de uma agulha). Até um filósofo moderno, Mortimer Adler, tratou desta famosa questão em seu livro “The Angels and Us” (*os anjos e nós*), num capítulo intitulado “Ocupação Angélica de Espaço e Movimento Nele”.

O fato é que sempre que essa anedota é narrada, fala-se de teólogos reunidos numa importante biblioteca ou catedral, debatendo com afinco se o número de anjos dançantes no alfinete poderia ser um, dois, três, mil... Cada um apresenta sua teoria e argumenta a favor de sua tese. Até que no final, o relato termina com uma nota de pesar: enquanto isso o mundo lá fora perecia sem salvação.

A Teologia tem de ser mais do que um saber trancafiado em catedrais velhas ou bibliotecas empoeiradas. Ela tem de ser unificadora e não isolante social. Tem de ser um conhecimento oportuno que crie uma ponte entre os homens e a realidade de Deus.

Avance com foco no aprendizado

Vídeo unidade IV







5

O FUTURO DA TEOLOGIA

CONHECIMENTOS

Compreender a importância da Teologia e da espiritualidade e seus desafios atuais.

HABILIDADES

Identificar os principais desafios do teólogo ou líder religioso que se preocupa em preservar os valores e a identidade da Teologia Cristã.

ATITUDE

Posicionar-se criticamente sobre a importância da teologia e da espiritualidade bem como sua influência na sociedade moderna.

A teologia numa perspectiva futura

A teologia cristã, por mais conservadora e tradicional que seja não pode ter um olhar apenas parar as coisas passadas. O evangelho é, antes de tudo, um anúncio do que se foi e do que está por vir. I Pedro 1:3 fala destas duas dimensões temporais ao celebrar Deus Pai e Jesus Cristo por nos ter regenerado (ação passada) para uma vida de esperança (perspectiva futura).

Por muito tempo, a reflexão religiosa foi acusada, com razão, de privilegiar demais os tempos eternos do porvir em detrimento à realidade presente. A tônica de muitos escritos e relações era a equação de sofrimento no presente = compensação na eternidade. Hoje o movimento pendular parece ter ido para outro extremo, o céu e o porvir tornaram-se, para muitos, um discurso insignificante ou pelo menos secundário em relação às bênçãos desta vida.

O Novo Céu e a Nova Terra prometidos no Apocalipse ainda figuram nos credos e manuais de teologia sistemática, contudo, na piedade popular essa promessa parece uma realidade distante que certamente nunca chegará. Se no passado a ênfase dos pregadores era na aceitação de Cristo como Salvador para a remissão dos pecados, o acento presente é o da prosperidade que vem do Senhor.

Não que essas coisas não sejam importantes ou não tenham espaço na temática bíblica. Deus certamente prometeu bênçãos temporais a seu povo. Ocorre, no entanto, que essas bênçãos passaram de fator secundário a quase um *totum* da fé. Quem é fiel supera todo sofrimento, o paraíso não é mais algo a ser almejado ou aguardado.

Em que pesem essas ponderações ou até mesmo a linha teológica que cada um siga, o fato é que a maioria das pessoas (senão todas) não está satisfeita com o mundo como ele é atualmente. Mesmo que tenhamos alegrias e realizações, temos de lidar com três realidades inquestionáveis:

1 - Há um mundo sofrendo lá fora;
2 - Nossa felicidade é frágil e pode ser perdida a qualquer momento, seja por uma doença ou uma tragédia para a qual nunca estaremos preparados;
3 - Mesmo as maiores alegrias são efêmeras. Nós adoecemos, desatualizamos e a morte é uma questão de tempo;

O mundo não é um lugar definitivamente feliz, longe, de ser essa uma admissão alienante, ela é o elemento conscientizador de que devemos trabalhar para Deus, fazendo o máximo para mitigar a dor, mas cômicos de que a eternidade não é aqui. Estamos numa história provisória, num ensaio entre dois mundos, o de agora e o do porvir.

Moltmann, (1967) sugeriu que “uma teologia apropriada [tem] de ser construída à luz de seu objetivo futuro. A **escatologia** não deveria ser o seu fim e sim o seu princípio”. Pensar, pois, qual o futuro da teologia é um tema estimulador. Podemos enfrentá-lo sob diferentes perspectivas: sugerindo aos novos teólogos que digam as mesmas coisas dos mais antigos, só que numa roupagem diferente. Ou, quem sabe, provocando-os a que respondam a novas indagações próprias deste tempo que não foram sistematizadas pelos que vieram antes de nós.

Seja qual for o caminho adotado, buscamos fazer diferentes perguntas na intenção de obter o mesmo resultado: uma compreensão mais lúcida das verdades de Deus. Seria isso uma utopia? Estamos vivendo uma época em que os velhos valores não têm espaço para serem discutidos? Seria o evangelho um anúncio ultrapassado?

Numa época em que fé e razão parecem desassociadas entre si, o surgimento de correntes como o neoateísmo parecem coibir o futuro da Teologia enquanto ciência. A fé e a crença tornaram-se irrelevantes para muitos acadêmicos, profissionais e formadores de opinião. Contudo, a religiosidade popular continua em alta, de modo que, diferente do que afirmam alguns críticos da religião, a Teologia tem espaço no ambiente contemporâneo e merece ser discutida em tempo futuro, de médio e longo prazo.

A questão é saber que assuntos serão relevantes para a fé neste novo cenário? O que podemos ou não abrir mão sem o risco de perder nossa identidade confessional? Que elementos comportamentais deveriam ser considerados circunstanciais ou permanentes no discurso religioso? São questões que devem ser levantadas e discutidas pelos Teólogos atuais.

Perspectivas

No início da modernidade, foi proposta uma troca de fidelidade organizacional. Enquanto servos de um sistema eclesiástico, os homens se sentiam escravos irracionais. Agora, fiéis a um sistema organizacional eles seriam finalmente livres. Esse sistema poderia ser o Estado para os marxistas/socialistas, o capital para os economistas, a ciência para os especialistas. Sistemas em nada espirituais como os antigos valores da religião, mas antes de tudo, bem materialistas e recheados de humanismo.

Inflamado neste ideal moderno, aumentou-se o número de inovadores e revolucionários que dariam livremente a vida em prol de um novo sistema, fosse ele uma proposta ou uma realidade. Rebeldes como Che Guevara, Robespierre e líderes bolchevistas são apenas poucos exemplos de uma considerável lista que podíamos apresentar.

Os sacerdotes deste novo “*mundo da razão pura*”, à semelhança dos teólogos por eles combatidos, achavam-se donos da verdade, por isso eram igualmente sérios e intolerantes. Liberdades foram, de fato, conquistadas, mas trouxeram consigo defeitos inerentes à solução humana alienada de Deus. Na prática, criou-se uma ditadura da democracia, com imposição de gostos defendidos não de acordo com a ética, mas com a opinião da maioria que pode eleger, mas, ao mesmo tempo, ser comprada através de um marketing feito com qualidade.

Com o advento da Revolução Francesa e seu ideal de “liberdade, igualdade, fraternidade”, criou-se a sensação de que o paraíso finalmente seria inaugurado na Terra. Não por obra de Deus, mas como resultado da ação humana. A proposta era criar um sistema que não fosse apenas para e pela elite, mas que fosse de todos. Algo enfim, muito distante do contexto religioso da Idade Média.

Contudo, o tempo mostrou que os novos ventos não passavam de uma efemeridade. Continuamos vinculados a um regime totalitário onde poucos decidem por muitos. O que mudou foram apenas os objetos de adoração, mas o comportamento subserviente das pessoas continua o mesmo. A sociedade passou a inclinar-se diante de um novo deus: o Mercado e este dita às regras.

Assim, o século XX inicia, especialmente depois da I Guerra Mundial, um momento de pessimismo e incerteza que coincide com o que comumente se chama pós-modernidade.

No momento presente, fruto da pós-modernidade, alguns valores defendidos pela modernidade mudaram. Comunistas aficionados se desiludiram, cientistas ficaram frustrados com resultados laboratoriais abaixo do esperado. Nenhuma autoridade constituída parece mais fazer a cabeça dos jovens. Adolescentes deixaram de colar na parede imagens de Marx, Lenin e Che Guevara, para em seu lugar postar fotos de cantores famosos.

A máxima “*si hay gobierno yo soy contra*” recebeu um novo significado – toda autoridade será questionada seja ela religiosa ou secular. Enquanto oposição, qualquer um consegue facilmente aliados. Mas basta-lhe subir ao poder e será tão questionado como aquele ao qual anteriormente se opôs.

Este tornou-se, definitivamente um tempo de incertezas. Se o **fideísmo** foi o pensamento predominante na pré-modernidade e o **ateísmo** seu sucessor na modernidade; o **agnosticismo** pode ser considerado a mais atual forma de raciocínio pós-moderno. As pessoas em geral não afirmam com muita certeza se podem ou não acreditar em certo conjunto de ensinamentos, suas dúvidas o colocam em choque com todos os movimentos quer sejam seculares ou religiosos.

O curioso, no entanto, é a contradição reinante entre os pensadores. Fala-se muito, por exemplo, em pluralidade e aceitação, mas muitos são plurais enquanto a plateia concorda com eles. Pois no momento em que são questionados, se tornam fundamentalistas. O discurso de liberdade que antes faziam, perde sua referência que é em prol deles mesmos.

Até as mais fortes demonstrações de fé num movimento místico ou político revelam-se um modismo que logo passa sem deixar profundas raízes. Gnomos, duendes e outros elementos da Nova Era são mais propriamente produtos de marketing televisivo que a profunda crença de alguém que se tornou adepto de um movimento. Tão logo passe a febre consumista daquele produto, estarão prontamente dispostos a trocá-lo por outro qualquer que seja mais atualizado que o anterior. Troca-se de deuses como se troca de telefone celular.

Então, a história não possui mais sentido? Muitos historiadores pós-modernos diriam que sim, a história, agora, possui não apenas um, mas muitos sentidos. Eles chegam a dizer que não necessitamos de novos paradigmas para podermos sair da crise, basta aceitar a realidade iminente que, no dizer de White, (1966, p.56), “será bem mais vivida se não tiver um sentido único, mas muitos sentidos diferentes. (...) uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino”.

Será que é esse mesmo o nosso “fim”? Devem os teólogos que conhecem a mensagem de Cristo, aceitar como inexorável a condição de uma sociedade líquida, de que falou Bauman (2001), deixando que a mesma seja permanentemente dominada por uma angústia e incerteza insustentáveis?

Veja que interessante esta reflexão:

Se o homem moderno colocava a razão e a ciência à cima de tudo e todos (inclusive de Deus) e se o ser humano moderno estava engajado na política, admirava e criava arte inédita e diferenciada de todas as outras já criadas, o homem pós-modernos nega tudo isso, se entrega inteiramente ao prazer e ao hoje, ao

momento, não tem a preocupação de buscar algo que não seja o consumo, o bem de consumo, diria até de maneira metafórica que o homem pós-moderno é agnóstico e anarquista no que se refere às artes, história, religião, ciência, política, social, etc. Só dando importância ao econômico, pois sem o econômico fica impossível adquirir o **último** lançamento tecnológico.

Na arte, nada mais faz que repetir e dar outra cara as obras já existentes. O homem pós-moderno caminha para ser um fantoche da tecnologia, um boneco da tecnociência, quero dizer que literalmente ele caminha em escadas rolantes, sem esforço algum para compreender o que se passa em sua volta. Corre em bicicletas e caminha em esteiras que não os levam a lugar algum. Caminham para onde a imagem fala mais forte que o próprio objeto, onde a ficção tem mais valor que a realidade, fabricando assim uma hiper-realidade virtual para si, dentro de seus apartamentos luxuosos, carros blindados, cheio de travas elétricas, freios ABS, airbags, câmbio automático, ar condicionado, trava elétrica e mais uma infinidade de recursos ao seu alcance.

O homem da pós-modernidade acha muito mais interessante o fetiche da realidade virtual em 3D, pois a realidade é muito dura e sem cor. Caminha para um patamar onde o irreal se torna mais real que a própria realidade.

Criou-se uma ponte tecnológica entre nós e o mundo que habitamos e estamos sempre atravessando essa ponte e ao atravessá-la não nos damos conta. Uma grande característica da pós-modernidade é a mídia de informação, nos bombardeando a cada segundo, ficamos com fadiga em procurar o fato, em pesquisar mais a fundo a história e nos acostumamos em absorver os dados transmitidos. Se a sociedade moderna produzia questionamentos à pós-moderna reproduz informação, enquanto a sociedade industrial produzia bens (duráveis), a sociedade pós-industrial consome serviços, tais como: ticket de metrô, cartões de crédito, delivers, etc.

Em certas ocasiões nem somos tão modernos assim, seja a questão familiar, estética, religiosa, comportamental e filosófica, algumas vezes por dia nos apropriamos ainda de valores pré-históricos, medievais ou modernos, então que pós-modernidade é essa que estamos vivenciando?(RAMOS, 2007).

O que vemos, portanto, é o desafio de tornar uma época de expectativas numa época de possibilidades. O discurso teológico tem o papel de preencher as lacunas de incerteza trazidas pelos novos tempos. Se por um lado admite-se que não há necessidade de novas propostas, também não precisamos permanecer no pluralismo vazio ou agnóstico. Pode-se apenas contar a chamada “velha e feliz história” e levar as pessoas de volta ao relacionamento com Deus. O exercício teológico pode ser legitimamente uma forma de glorificar ao Senhor e regozijar-se em sua presença.

Talvez por isso, a Teologia necessite resgatar três pilares para muitos esquecidos:

- Ortodoxia – traçar com clareza e fundamentação bíblica as verdades reveladas por Deus é algo que não pode ser negligenciado pelos teólogos. É verdade que falar de ortodoxia pode nos remeter a diferentes discursos, mas aqui neste ponto, o desafio é tomá-lo em seu sentido etimológico de “pensamento correto, de acordo com a retidão”. Disse Jesus: “Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade” (JOÃO, 17:17).
- Ortopraxis – devemos lembrar que as doutrinas ensinadas por Cristo, longe de serem apenas apreensões mentais, são também um estilo de vida. Pois é isso que a ortopraxis significa: um desenvolvimento dos ensinamentos que não seja focado apenas na mente, mas também no comportamento do indivíduo que o recebe. Esse é um ponto muito importante a ser discutido e defendido numa sociedade que, tanto dentro quanto fora das igrejas, tende a sugerir uma relativização da verdade e de toda norma de conduta moral.
- Ortopatos – viver para Deus significa mais do que ser treinado para uma tarefa que você odeia. É colocar os sentimentos mais profundos a seu serviço. É claro que isso envolve uma batalha interna contra nossa velha natureza carnal que é contrária às coisas espirituais. Não obstante, no que diz respeito ao dever dos teólogos, é imprescindível que o discurso acadêmico ou informal sobre Deus venha moldurado por uma dimensão emocional. As pessoas não acreditarão num discurso sobre salvação feito por pessoas que não parecem salvas nem se alegram na presença de Deus. Se a paz do céu está em seu coração, conte isso para o seu rosto. Em muitas instâncias, Paulo não reprimia a expressão de sentimentos e emoções mesmo estando em meio à mais profunda argumentação teológica (ROM, 11:33-36).

Desafios atuais

Os textos que seguem abaixo foram adaptados (com modificações) de uma conferência feita por Isaltino Gomes Coelho Filho e apresentada em 2002 para pastores da Igreja Batista de diversas regiões do Brasil. Trata-se de uma citação livre do mesmo discurso. Porém, sua lucidez e advertências merecem ser consideradas. São estes, em síntese alguns dos principais desafios para o teólogo ou líder religioso de hoje que ainda se preocupa em preservar os valores e a identidade da Teologia Cristã:

- 1º) **O colapso das crenças.** Quer seja a fé, quer seja o crer na educação, quer seja o aceitar a cultura até então afirmada, há uma descrença em tudo que se afirmou até então. Não crêem que seja verdade que o estudo pode melhorar a vida das pessoas e o mundo. Há desinteresse pela herança passada. Tudo é visto como não funcional, como não resultável, não produtor de bons resultados. Não há um conjunto de valores. O que se faz é dismantelar as regras e as estruturas.
- 2º) **A busca de novidades exóticas.** Numa música espanhola se ilustra isso muito bem: “Cada noite um rolo novo. Ontem o ioga, o tarô, a meditação. Hoje o álcool e a droga. Amanhã a alimentação a partir de luz solar e a reencarnação” Normalmente as novidades são contra o estabelecido, e as drogas, muito mais. Veja como a mídia cria mitos, cria conceitos, projeta sempre o que é contra o estabelecido.
- 3º) **A descrença nas instituições.** As instituições sociais falharam em seu propósito de prover um mundo melhor. Os governos, a família, a escola, todos eles falharam. O jovem não crê na declaração romântica do educador de que está formando mente e educando para o futuro. Não vê o professor encarar a profissão como um sacerdócio, mas como um ganha-pão. Não vê a escola como um lugar agradável nem crê no seu discurso de que estudando a pessoa pode ter oportunidades. Há milhares com diploma na mão e subempregados. Também não crê nas igrejas porque os escândalos são muitos. A igreja dos anos noventa não produz homens e mulheres santos, mas pessoas preocupadas com dinheiro. A autoridade nunca é bem vista. É sinônimo de opressão.

4º.) **Retorno do Existencialismo** - As pessoas desejam ser livres. É o desdobramento do existencialismo, como foi mostrado num filme dos anos sessentas, Cada um vive como quer. As pessoas são senhoras de suas vidas, sem convenções, sem compromissos e sem autoridade. E as igrejas evangélicas são, hoje, mais instituição do que comunhão. O aspecto institucional e uma maior importância à ordem e à lei do que à vida nos colocam em desvantagem. Os regulamentos e o "está errado" falam mais alto que a celebração da vida.

5º) **A necessidade de escandalizar ou a busca de sensacionalismo.** É uma maneira de agredir as pessoas e de se defender delas. Escandalizam com a conduta, com a recusa às regras, na indumentária e no visual. A própria maneira de se vestir mostra desleixo e até falta de asseio. Gasta-se muito dinheiro para se comprar uma roupa rasgada. Vestir-se mal e como mendigo é sinal de estar na moda. O pós-moderno rejeita padrões e adora inovar, ir contra o convencional. Ele quer encontrar o quinto evangelho, descobrir algo que ninguém disse, denunciar uma verdade supostamente oculta da sociedade.. Costumo dizer que adolescente não se veste, apenas se cobre. É aquela bermuda que não se sabe se é uma calça comprida do irmão menor, porque ficou no meio da canela, ou se é uma bermuda do irmão maior porque ficou pouco acima do tornozelo. Todo mundo é igual: o boné virado para trás, um tênis encardido no pé e uma blusa de frio amarrada na cintura. Isto porque querem ser diferentes. Copiam-se uns aos outros na sua diferenciação. Um piercing dá um toque a mais. Julgam-se diferentes, mas são clones uns dos outros.

6º) **Um estilo individualista, hedonista e narcisista.** Os jovens de hoje são individualistas, embora vivendo em "tribos". Vivem sua existência. Não se espere deles patriotismo ou rasgos de idealismo. São hedonistas, vivendo em função do prazer, não necessariamente sexual, mas a busca do que lhes é agradável. São narcisistas, no sentido de olharem mais para si que para o mundo. Isto não é uma prerrogativa exclusiva deles, mas de toda a cultura pós-moderna. O social e o outro são irrelevantes. O que vale é o próprio indivíduo.

7º) **A falta de uma cosmovisão.** O pós-moderno não tem uma cosmovisão nem mesmo posturas coerentes. É a pessoa que nega a existência de Deus, mas que crê em energia vinda de um cristal. Que nega a historicidade de Jesus, mas acredita em duendes. Agem assim porque as cosmovisões são explicações totalizantes do mundo, trazem respostas cabais e últimas. “Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém”, diz o pós-moderno. Recusando uma cosmovisão, uma visão integrada, as pessoas fazem uma crença tipo picadinho. Tudo está bom, tudo está certo. Ao mesmo tempo, isto não faz diferença. Cada um faz sua crença e sua religião. O valor último ou padrão aferidor é a própria pessoa. Foi isto que o roqueiro brasileiro, Raul Seixas cantou: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...tudo”. As pessoas não têm mais uma visão determinada do mundo.

8º) **A perda do sentido de história.** Não existe uma história unificada, produto da visão cristã que impregnou o Ocidente e lhe deu direção. Existem acontecimentos isolados, histórias de pessoas que se cruzam entre si, sem nexos, sem ligação. Uma visão global da vida não existe. Existe uma visão fragmentária.

Pensa-se no hoje, no fato de agora. Perdeu-se a visão de um passado, um presente e um futuro integrados. O pós-moderno opta pelo efêmero, pelo modismo, pelo fragmentário, pelo descontínuo. Com isto, a vida não tem sentido histórico nem dimensão linear. É para ser vivida agora, numa dimensão pontilear.

9º) **A substituição da ética pela estética.** O dever cede lugar ao querer. As escolhas são privadas e não mais ligadas à sociedade. A capacidade de viver e de desfrutar o belo substituiu a responsabilidade. O negócio é experimentar sensações, cada vez mais fortes, cada vez mais dinâmicas. Nada de sentimento de culpa ou de valores. Viver é fazer o que me agrada. Em outras palavras: ninguém tem nada com a minha vida. Ninguém se prende afetivamente a alguém.

- 10º) **A crise de pertença.** A necessidade de pertencer a alguma coisa, se tornou mais aguda, nesta situação. A maldição sobre Caim foi tirar-lhe a pertença. Ele seria sem raízes, geográficas ou sociais, um nômade, um errante, um peregrino, andante. O homem necessita pertencer a alguma coisa. É uma profunda carência existencial. Pertencer a uma igreja, um clube, uma associação, etc. Como a crise de pertença surgiu logo vieram os relacionamentos “lights”, imediatistas, sem ligações profundas, manifestadas no sexo efêmero e casual. O instinto substitui o afeto. Cada semana, uma pessoa. Pertence-se a uma “tribo”, mas se refugia no anonimato de relações via Internet.
- 11º) **A pluralidade ideológica e cultural.** Nossa época é uma época de síntese. As pessoas querem ter posições, mas querem concordar com tudo. A pessoa tem uma cultura tecnológica, de informática avançada, mas crê em florais, astrologia e numerologia. Não tem convicções, mas conveniências. Seu credo é mais produto de ajustes de convivência do que de convicção pessoal. Pode-se ter grande zelo pela ecologia e desprezo pelo humano. As crenças e posturas são casuais e produto de circunstâncias. O evangelho pode ser verdade, mas é verdade para uma pessoa e não para outra. Há tantas verdades como pessoas.
- 12º.) **Negam a crença, mas adotam a credence** – Certa pessoa pós moderna negou receber um folheto que falava de Jesus. “Não creio nesses mitos” - disse ela. Mas no vidro de seu carro brilhava um adesivo: “Eu creio em duendes”. Coisa semelhante acontece com algumas formas atuais de cultos católicos, evangélicos e neopentecostais que estão minados de elementos pagãos em seu apelo. Em vários ritos apelativos, pastores exorcistas pedem ao diabo para se manifestar a fim de que possam expulsá-lo diante de todos. Mapeiam moradas demoníacas por causa da influência pagã de que os poderes malignos tomam posse de coisas e lugares. Objetos supersticiosos como óleo ungido de Israel, rosas e toalhas consagradas, água do Jordão etc. passam a ter no cristianismo o mesmo valor que amuletos e totens desfrutavam na religiosidade do paganismo. Com o agravante que o fiel ainda paga por isso.

Como construir uma reflexão Teológica neste contexto?

Devemos reconhecer os desafios e não minimizá-los nem superestimá-los a ponto de achar que não temos esperança. De fato, existe uma desvantagem para o teólogo, quer seja um pregador, educador ou apenas um leigo, pois ele mesmo será influenciado por uma cultura e poderá viver em conflito por causa do choque cultural. Foi criado num estilo, mas já assimilou padrões de outro. Como, enfim, refletir e dialogar teologicamente numa sociedade pós-moderna?

- 1º) Devemos lembrar que, como cristãos que somos, temos parâmetros eternos a serem refletidos. Há valores temporários, locais e mutáveis, mas há princípios atemporais que são inegociáveis. O teólogo que se lança ao desafio de refletir em meio a uma cultura ter uma cosmovisão cristã completa, saber de sua fé e de seus valores e vivê-los. Muitos não têm uma visão global do mundo, e, o que é pior, muitos não tem sequer uma visão global de sua fé, sabendo encaixar o mundo nela, analisando o mundo por ela. Sua fé é atomizada, feita de pequenos credos, sem uma visão holística do evangelho. Eles não veem o evangelho como um todo, nem possuem uma explicação global do mundo. Isto é trágico para um teólogo. Ele observa a vida cristã por um determinado dom, por uma visão de ministério, pelo modismo contemporâneo, de igreja com propósito ou outro qualquer. Sem uma visão global do evangelho fica difícil, senão impossível, refletir sobre o mundo em que vivemos.
- 2º) Coerência é fundamental. Os jovens de hoje não querem mestres, querem testemunhas e testemunho, não é algo que damos, é algo que somos. O que os jovens querem são pessoas que creiam nos valores que propagam. O grande problema é que alguns pregam a mentira com tanta convicção que ela parece verdadeira, enquanto outros falam da verdade com tantas reservas que ela parece um mito.
- 3º) Precisamos amar a teologia que fazemos. A fala do teólogo, sua conduta, o comportamento que ele possui devem dizer que ele escolheu um bom caminho. Pessimismo no discurso e rosto acabrunhado não convence ninguém a querer ser como você. A teologia é uma atividade mental que só pode ser exercida passionadamente. A pior tentação de um líder religioso, seja ele quem for, é usar a Bíblia profissionalmente. O trabalho

deve ser feito com coração, pois seu resultado será visto nas pessoas que entrarem em contato conosco. A eternidade para muitos pode começar ou terminar no exemplo que damos e no discurso que proferimos.

- 4º) A igreja precisa dar respostas relevantes para a vida real das pessoas (respostas teológicas e existenciais, não uma em detrimento da outra). Em um culto voltado para jovens, o pregador convidado falou por quase 50 minutos sobre dicotomia ou tricotomia. Segundo ele, este era um assunto palpitante, com o qual ele estava “muito preocupado”. E daí? Que diferença isto faria para os jovens? Relevância sem perda de conteúdo – esse deve ser o foco do nosso discurso.
- 5º) A fé precisa ser viva numa igreja. Parece óbvio, mas nem tanto assim. A igreja deve expressar o caráter cristão nas suas relações e no seu ambiente. O pós-moderno necessita ver uma igreja como uma instituição séria, espiritual, coerente em sua fé. Ele está cansado de dicotomia entre conduta e fé. Farto de fingimentos. O jovem pós-moderno clama, no dizer de Fausto, nos seguintes termos: “quem me vende um pouco de autenticidade? A espiritualidade continua fora do culto? Canta-se no culto, “esta igreja ama você” e cumprimenta-se o visitante no momento indicado pelo líder. Mas, acabado o culto, existe algum interesse naquele que foi cumprimentado? Se trazer um problema a igreja mostrará que o ama? A fé e os relacionamentos aparecem apenas na hora do culto ou permeiam a vida das pessoas? Yancey (1999) conta de um homossexual que certa vez demonstrou desistir do cristianismo porque era mais fácil encontrar sexo na rua que um abraço na igreja.
- 6º) O discurso teológico precisa ser cristocêntrico. Cristo precisa voltar a ser o centro e o interesse da religião. Valorizam-se dons, exalta-se o Espírito Santo, mas a segunda pessoa da trindade tem sido esquecida na sua própria Igreja. Algumas igrejas trocaram a cruz pela pomba. Outro dia, pela tevê, dizia um determinado pregador: “Cristo é o canal para nos trazer o Espírito Santo”. Que mudança doutrinária! E João (14:16), que fazer deles? E a cruz, onde colocá-la? Um púlpito bíblico, exegético, com Cristo no centro, é uma necessidade insuperável da atualidade.

Concluindo, podemos dizer que hoje vivemos num tempo mergulhado em profunda crise de identidade. O ser humano se esvaziou devido às decepções sofridas com os sistemas organizados, o que inclui com destaque a religião tradicional.

Consequente ao esvaziamento veio à tona a visibilidade de uma carência de Deus pretensamente preenchida pelo consumismo de tudo que está à mão, quer seja do mercado secular, quer seja do mercado religioso. Contudo, este vazio com forma de Deus é transcendente em sua essência. Por isso, ele se apresenta cada dia maior, pois só a pessoa viva de Deus pode preenchê-lo. Enquanto não entende isso, o homem pós-moderno vai tentando saídas úteis de como manter satisfeita essa fome de eternidade e nisso, perde-se de vista a linha divisória entre o sagrado e o profano.

Preencher as lacunas do discurso e construir uma ponte entre o sujeito e as verdades de Deus é o dever principal do discurso teológico. Falar de Deus e glorificar a Deus é o elemento chave de uma teologia eficaz, o resto será mero comentário.

Avance com foco no aprendizado

Vídeo da unidade V

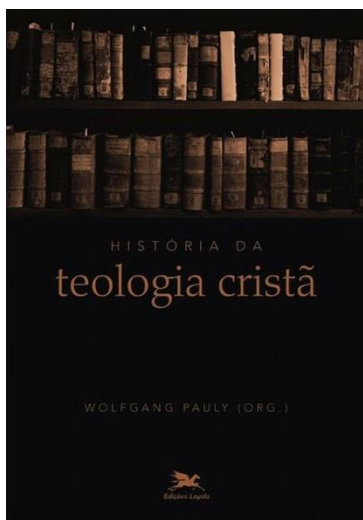


LEITURA OBRIGATÓRIA

Este ícone apresenta uma obra indicada pelo(a) professor(a) autor(a) que será indispensável para a formação profissional do estudante.



Propomos como complemento de estudo que você conheça com mais detalhes a história da Teologia e seu desenvolvimento através dos séculos.



Este livro oferece um panorama global, cientificamente fundado, mas dirigido também ao público não especializado pela clareza na linguagem e na exposição. Trata-se de uma obra que designa as fases de desenvolvimento e as categorias interpretativas nas quais a fé cristã se expressou na história. Descreve também os contextos sociopolíticos que condicionaram a busca teológica da verdade. Sua finalidade é proporcionar o entendimento da teologia como sistema histórico de interpretação de uma experiência total e como compreensão aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso.

GUIA DE ESTUDO

Após a leitura da obra, identifique todas as investigações e descobertas obtidas. Em seguida de posse das informações, produza um Fichamento de aproximadamente 10-15 linhas, em fonte Arial ou Time New Roman, tamanho 12, com espaço interlinear 1,5 e justificado. Caso faça uso de fontes de pesquisa externas, cite as referências conforme as normas da ABNT.

REVISANDO

É uma síntese dos temas abordados com a intenção de possibilitar uma oportunidade para rever os pontos fundamentais da disciplina e avaliar a aprendizagem.



Nesta disciplina vimos os seguintes conceitos-chave que introduzem o estudante no campo da Teologia acadêmica, como objeto da Teologia: Deus (sua existência, atributos) e seus atos (criação, redenção, providência, juízo). A Teologia é uma ciência prática, orientada pelo reconhecimento do amor de Deus. Seu objetivo é edificar o povo de Deus e glorificar a seu nome.

Quanto ao método da Teologia, aprendemos que qualquer método válido em teologia cristã deve ser sistematizado e estar ancorado na teologia bíblica. Deve, igualmente, estar sensível à teologia histórica e dialogar com a contemporaneidade sem perder de vista as verdades bíblicas que o alicerçam.

Compreendemos ainda a fonte da Teologia, a revelação de Deus, tanto aquela provinda pela Natureza (as coisas criadas) quanto, e principalmente, aquela especial encontrada na Palavra e na pessoa encarnada de Jesus. O contexto da Teologia: a Igreja de Jesus Cristo, tanto a comunidade local quanto a igreja em geral, histórica e, ao mesmo tempo, contemporânea. A Teologia não apenas afeta a vida do indivíduo, mas de toda a comunidade reunida perante o Senhor.

Por conseguinte, a **Teologia** estuda Deus na medida em que **pode** ser **alcançado**, não esquece que Deus é um profundo mistério, que não podemos alcançar só o Espírito Santo. Apenas o Espírito pode nos dar olhos para ver e ouvidos para ouvir o que o Cristo ressurreto tem dito às igrejas contemporâneas.

AUTOAVALIAÇÃO

Momento de parar e fazer uma análise sobre o que o estudante aprendeu durante a disciplina.



Com base nos conteúdos estudados, procure elaborar uma dissertação na qual você possa responder com suas próprias palavras os seguintes questionamentos:

- O que é teologia para você?
- Como posso construir uma teologia?
- Que fontes posso usar?
- Em que sentido a Teologia pode ser perigosa?
- Em que sentido a Teologia pode ser benéfica?
- A Teologia é um saber dispensável ou essencial na caminhada da Igreja?
- A quem pertence a Teologia? Aos acadêmicos? Os líderes? A todos?

BIBLIOGRAFIA

Indicação de livros e sites que foram usados para a construção do material didático da disciplina.



ALMEIDA E COSTA, J.; SAMPAIO E MELO, A. (Coordenação), **Dicionário da Língua Portuguesa**: 7ª Edição Revista e Ampliada, Porto: Porto Editora, 1995

BANCROFT, E. H. **Teologia Elementar**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**: Jorge Zahar Editor, 2001. 260p. (edição inglesa: Oxford, Inglaterra: Polity Press, 2000).

BELL, Skip. **"Pastoral Ministry as Interpretive Theology"**. Presented at the Annual Association of Doctor of Ministry Education Conference. New Orleans, LA, Apr. 14-16, 2011.

BOFF, C., **Teologia e prática**, Petrópolis, Vozes, 1993

BROWN, William Adams, **Christian theology** in outline. New York : C. Scribner's sons, 1919.

CHEUNG, Vincent. **Presuppositional Confrontations**. Boston, MA: Vincent Cheung, 2010.

ERICSON, Millard **Christian Theology** [Grand Rapids, MI: Baker, 2001]

GAIKWAD, Roger **"Reconceptualizing Religion, Dialogue, Theology and Mission in Pluralistic Society"**: The Contribution of S.J. Samartha, *"Interfaith Relations after One Hundred Years: Christian Mission among Other Faiths"*, edited by Marina Ngursangzeli Behera. UK: Regnum Books International, 2011.

GEFFRÈ, Claude, **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes. 2004.

GEORGE, Susan Ella. Religion and technology in the 21st Century. Faith **in the e-World** [Hershey (PA), Information Science Publishing, 2006].

HEGEL, G. W. F. **"Die Positivität der christlichen Religion,"** in *Hegels theologische Jugendschriften*. ed. H. Nohl; Tübingen: Mohr, 1907. 137-240

HILLS, A. M. **Fundamental Christian Theology**, Abridged Edition, (Pasadena: C. J. Kinne, 1932

HODGE, Charles; **Systematic Theology, In Three Volumes. (Grand Rapids, Michigan:** Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Reprinted, May 1997)

HOVEY, Alvah Manual of Systematic Theology and Christian Ethics (Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1877).

JONES, David Lee. **"Theological Reflection in Doctor of Ministry Education: Ten Helpful Lenses"**. Presented at the Annual Association of Doctor of Ministry Education Conference. Dallas TX, Apr. 16-18, 2009.

KARL BARTH, **Church Dogmatics, 4 vols. (Edinburgh:** T&T Clark, 1956-1975).

KEVAN, Ernest. **Moral Law, Phillipsburg, NJ:** Presbyterian & Reformed Publishing, 1991.

LARENZ, K. **Metodologia da Ciência do Direito.** 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MARK MCINTOSH. **Mystical Theology:** The Integrity of Spirituality and Theology (Malden, Ma: Blackwell Publishing, 1998.

MAXWELL, Joseph A. ***Qualitative research design: An interactive approach.*** Thousand Oaks, Sage: 2005.

MOLTMANN, J. ***Theology of Hope:*** On the Ground and Implications of a Eschatology London: SCM Press, 1967.

PARKER, J.I., **Knowing God, Downers Grove, IL:** InterVarsity, 1993.

PATRO Shantanu K., ***Definitions, Approaches and Methodologies in the Study of Religions. A guide to Religious Thought and Practices*** (Delhi: ISPCK, 2011).

POPE, William Burton. **A Compendium of Christian Theology**. New York: Phillips & Hunt, 1880.

Ryrie, Charles **Basic Theology (Wheaton, IL: Victor Books, 1986)**

ROGERS, J. **"Ecological Theology: The Search for an Appropriate Theological Model."** Reprinted from *Septuagesimo Anno: Theologische Opstellen Aangeboden Aan Prof. Dr. G. C. Berkower*. The Netherlands: J.H. Kok., 1973.

SCHINDLER, D.C. 2013. **On the Universality of the University**: A response to Jean-Luc Marion. *Communio: International Catholic*, 40(Spring 2013):77-99.

SNOW, Dale. **Schelling and the End of Idealism**. Albany: State University of New York Press, 1996

SPADARO, Antonio S.J. e Way, Maria, "Cybertheology: Thinking Christianity in **the Era of the Internet**" . New York, Fordham University Press, 2014.

STRONG. A. H., **Systematic Theology**. Valley Forge, Pa.: Judson, 1907

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Livraria Almedina, 1995.

VOS, Geerhardus **The Idea of Biblical Theology as a Science and as a Theological Discipline**. New York: Anson D.F. Randolph, 1984.

WELLS, David **No Place For Truth**: Or Whatever Happened to Evangelical Theology? Grand Rapids, MI: B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI: 1994.

WHITE, Hayden. **"The burden of History"**, *History and Theory*, vol. 5, no. 2, 1966: 111-134.

WOLFGANG, Pauly, (Org.). **História da teologia cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

YANCEY, Philip. **Maravilhosa graça**. São Paulo: Vida, p. 118,125, 1999.

YARBROUGH, Robert W. "Biblical Theology" in **Baker Theological Dictionary of the Bible**, edited by Walter E. Elwell, Grand Rapids, MI: Baker, 1996.

Bibliografia da Web

ABRAL, João Francisco Pereira. **"Xenófanes"; *Brasil Escola***. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/xenofanes.htm> . Acesso em 26 de julho de 2016.

GUERRIERO, Silas. **Desafios atuais aos estudos das religiões**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/10_impr.shtml>. Acesso em 20 de maio 2016.

HERRING, Debbie **"Theology in, of and for cyberspace"**. Disponível <http://www.cybertheology.net/> . Acesso em 29/05/2016.

MUELLER, Ênio, R. "A teologia e seu estatuto teórico: contribuições para uma discussão atual na universidade brasileira", Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p.88-103, 2007. Disponível: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos. Acesso em 23/06/2016.

RAMOS, Marcílio, "Pós-modernos?" Disponível em <http://marcilohistoricizando.blogspot.com/2007/08/ps-modernos.html>. Acesso em 23/05/2016.

VARRO, M. T. De língua latina. Disponível em <[http:// www.thelatinlibrary.com/varro.html](http://www.thelatinlibrary.com/varro.html) >. Acesso em 26/07/2016

